Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2061unse

NO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1944 — N. 6

# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

## SUMÁRIO


| | |
|---|---|
| Professor Ernesto Bozzano . . . . | *Redação* |
| Os Fenômenos de Bilocação . . . | *Prof. Ernesto Bozzano* |
| A Ciência da Negação . . . . . | *J. B. Chagas* |
| William Crookes . . . . . | *Redação* |
| Espiritismo . . . . . | *Leopoldo Machado* |
| O Espiritismo perante a Lei . . . | *Prof. A. de Oliveira Serra* |
| Dr. Gabriel Gobron . . . . . | *De "Estudos Psíquicos"* |
| Trinta anos entre os mortos . . . | *Francisco Klörs Werneck* |
| Filosofia e Doutrina . . . . . | *J. Lima* |
| Crônica Estrangeira . . . . . | *Redação* |
| Espiritismo no Brasil . . . . . | *Redação* |

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1944 — NUM. 6

# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ⋈ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

**Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673**

# Professor Ernesto Bozzano

Apesar de bastante preconceito por parte de muitos e oposição de sistemas religiosos estabelecidos, o Espiritismo avança e dia após dia conquista novos aderentes. O seu poder reside no facto de estar a convicção baseada sôbre a experiência pessoal. Quando o assunto desperta o interêsse de qualquer pessoa, o Espiritismo não pede a sua aderência a seus princípios e não exige a sua crença apontando-lhe os testemunhos do passado. Sua convicção deve resultar de sua experiência pessoal. Centenas de cientistas confirmaram, em resultado de suas investigações pessoais, os factos básicos do Espiritismo, porque o estabelecimento de qualquer verdade repousa sôbre leis imutáveis.

Dentre os cientistas que enriqueceram a bibliografia espírita, destaca-se Ernesto Bozzano cujo passamento se verificou um ano atrás, precisamente a 6 de Julho de 1943.

No decurso de sua adolescência, os ramos do saber humano sempre exerceram uma fascinação irresistível sôbre seu espírito. Mas acima dessa multidão de aspirações de estudante, uma havia que sôbre as outras exercia sua soberania, a paixão exasperada de penetrar o mistério do ser humano, o porquê da Vida, do que resultou dedicar-se, por fim, ao estudo metódico das diversas filosofias.

Aos 15 anos de idade já a sua razão se rebelara contra toda a crença resultante de um «ato de fé». Com o propósito de formar uma opinião, estudou as obras dos filósofos espiritualistas, de Platão a Hegel, de Descartes a Lotze, a Rosmini e Gioberte. Mas de nada lhe serviram êsses estudos laboriosos que, ao contrário, ainda mais o precipitaram no abismo da dúvida, porque à primeira revolta ajuntou-se uma segunda, que o impeliu a rejeitar os postulados metafísicos, em todos os pontos comparáveis aos «atos de fé».

Depois voltou-se à filosofia científica e com ardor mais apaixonado leu, releu, anotou as obras a começar de Buchner até Ardigo. Enfim, entregou-se ao estudo aprofundado do sistema filosófico duma sumidade entre as sumidades: Herbert Spencer. E foi êste último que o fascinou, o convenceu e o reteve. Durante dois anos consecutivos, nada mais fez do que estudar, anotar, classificar todo o conteudo do seu importante sistema filosófico, no qual todos os ramos da ciência convergiam para a compreensão científica de todo o universo. Do que resultou parecer-lhe resolvido o lancinante Mistério do Sêr humano.

O positivismo de Herbert Spencer era bem a verdade mesma que êle havia procurado com tanta tenacidade e desfalecimento. Desde êsse momento converteu-se em apóstolo da filosofia spenceriana, sustentando polêmicas com todos os que ousassem opôr a menor dúvida aos postulados mecanicistas dêsse gigante do pensamento. Tornou-se um materialista positivista a tal ponto convencido que impossível lhe parecia poder existir pessoas cultivadas, dotadas de mediano senso comum e crentes na existência e sobrevivência da alma humana!

E materialista positivista permaneceu Ernesto Bozzano durante dez anos e assim permaneceria até o termo de sua existência terrestre se no horizonte do saber humano não houvesse raiado a aurora duma ciência nova dominando todas as outras: a metapsíquica, que o prof. Charles Richet denominou: «a Rainha das Ciências» mas que a posteridade denominará: «A Ciência da Alma».

O período de crise não tardou a sobrevir para a sua conciência científica, provocada pelo volume de Alexandre Aksakoff — *Animismo e Espiritismo*, que abalou profundamente a solidez de sua fé positivista. Do que resultou, para êle, um período extremamente penoso de perturbação moral; se bem que a sua nova orientação filosófica se empenhasse no sentido de uma concepção filosófica muitissimo mais reconfortante, êle assistia, não menos abatido, ao desmoronar lamentável de todo o sistema de convicções filosóficas adquiridas à custa de longas meditações e ás quais já se afizera a adaptação psicológica e ética de seu espírito.

Naquela época leu numerosas obras psíquicas e espíritas de autores em evidência, tais como Allan Kardec, G. Delanne, Léon Denis e outros.

Tendo Ernesto Bozzano formado uma cultura sólida sôbre o problema, julgou chegado o momento de confrontar seus conhecimentos teóricos com as investigações experimentais. Por efeito da lei misteriosa que aproxima uma das outras as pessoas dotadas da mesma afinidade, êle se avistava com diversos perquiridores que se entregavam a investigações mediúnicas com intenções sérias. Dentre êles, o Dr. José Venzano, o cavalheiro C. Peretti e Luiz Arnaldo Vassalo, diretor do *Século XX*. Em Genova fundaram a primeira sociedade de Estudos Psíquicos de nome *Círculo Científico Minerva*, que teve quatro anos de vida gloriosa. Eram cerca de 70 os membros. Experimentavam por grupos, e não tardaram a descobrir entre os componentes, dois potentes médiuns de efeitos físicos e intelectuais, graças aos quais registraram manifestações de todas as espécies, como golpes violentos vibrados à distância, luzes espirituais, movimentos de objetos sem contacto, em plena luz, e «apports» e «desapports», (desmaterialização de apports) dos mais notáveis e a pedido e, sobretudo, excelentes provas de identificação de espíritos. Seguiram-se as longas experiências com Eusapia Paladino, de que participaram os professores Henri Morselli e François Porró, no decorrer das quais obtiveram, em 11 meses, o que de melhor a médium poude produzir em toda sua vida, inclusive as materializações completas de fantasmas, observadas à luz plena, ao mesmo tempo que a médium jazia estirada no gabinete, de braços, busto e pernas ligados e amarrados

PROF. ERNESTO BOZZANO

pelo prof. Morselli, a um leito de campanha. De cada vez que as aparições materializadas abriam as cortinas para se tornarem visíveis à luz plena, o corpo da médium, ligado e estendido sôbre o leito, se tornava claramente visível a todos os experimentadores. O prof. Ernesto Bozzano fez um relato dessas experiências em seu livro: *A Hipótese Espírita e as Teorias Científicas* e o prof. Morselli tratou dos mesmos fenômenos em dois tomos de sua obra importante: *Psychologie et Spiritisme.*

Em sua carta ao Snr. Bragadin e publicada em *Ali del Pensiero* e sob o título «Como me tornei Espírita», Ernesto Bozzano dizia textualmente o seguinte:

«Eu paro aquí na evocação destas recordações, cuja narração me foi solicitada, para esclarecer os primeiros passos que dei sôbre a via que deveria conduzir-me ás convicções espíritas que hoje professo. E como estas lentamente amadureceram no fluir de numerosos anos de perseverantes estudos empreendidos sem prevenção de qualquer espécie, eu creio ter conquistado o direito de exprimir, com conhecimento de causa, o meu parecer sôbre a significação e importância das investigações metapsíquicas. E' o que faço nos seguintes termos: aquele que, em lugar de se perder em discussões ociosas, empreender investigações sistemáticas sôbre os fenômenos psíquicos e perseverar durante longos anos, acumulando um material imenso de factos, para em seguida submetê-los aos métodos de experimentação científica, certamente acabará por convencer-se de que os fenômenos supranormais constituem um admirável complexo de provas anímicas e espíritas, convergindo todas para a demonstração rigorosamente científica da existência e da sobrevivência da alma humana».

Assim se externou o eminente espírito, a quem esta revista tributa esta despretenciosa homenagem póstuma.

Esnesto Bozzano estudou todas as modalidades mediúnicas e publicou grande número de monografias, grande parte das quais reproduzidas em séries nesta mesma revista. Ainda nos lembramos da profunda impressão de suas primeiras obras que lemos — «Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte» e «A Crise da Morte», cada qual dos episódios magistralmente comentados pelo grande sábio.

Possa Ernesto Bozzano usufruir das grandes bençãos que o Senhor prodigaliza a todos os que durante a sua jornada terrestre iluminam e confortam seus semelhantes.

# Os Fenômenos de Bilocação

*(Continuação)*

*Prof. ERNESTO BOZZANO*

1.ª CATEGORIA

CASO II — Enfim, resta-me mostrar que se chegou a obter também a fotografia do braço fluídico de um amputado e isso graças ao magnetizador Alphonse Bouvier, célebre pelas numerosas curas magnéticas que realizou e algumas das quais são dignas de serem tomadas em séria consideração.

Em o *Journal du Magnetisme* (Julho de 1917), publicou êle longa relação sôbre o modo por que chegou a fotografar um membro amputado, relação ilustrada com um bom cliché, onde aparece a sombra fluídica de um braço ausente.

Tomo á *Psychica*, (1931, pag. 129) os documentos que aqui reproduzo, notadamente uma carta pessoal que Alphonse Bouvier escreveu á diretora desta revista — Mme. Borderieux e na qual se diz:

«Partindo desta hipótese que, visto a análise espetral dar os vestigios dos gases os menos densos e nestes os mais rarefeitos no espetro, por traços obscuros correspondentes: traços de ab-

sorpção, ou por traços brilhantes, se os gases são levados à alta temperatura em determinadas condições de emissão, daí induzimos que o dúplo magnético deveria êle próprio marcar a sua presença. O facto vem confirmar a hipótese.

Mas, em lugar de marcar exatamente os traços e determinar-lhes o comprimento de ondas, fomos surpreendidos por formas; ora formas de eflúvios desprendendo-se das mãos, ora de membros amputados, semelhante à mão fantasma de que vos falei.

A foto que vos remeto mostra o mutilado... cujo braço amputado a 13 cents. da espádua, está estendido, dando uma diagonal de cerca de 33 gráus, o ante-braço e a mão se elevam a 23 e 25 graus sôbre o plano horizontal, tomada ao nível da espádua. O comprimento do braço é mais ou menos de 63 cms.; de resto é êste o cumprimento do braço esquerdo...

Quando foram tomadas as fotos, nada de particular vimos sôbre o ecram, como quando obtemos simples radiações magnéticas ou outras; é no desenvolvimento que aparecem os objetos.

Quando colocamos um mutilado, o membro amputado, no espetro, no membro desaparecido êle experimenta uma sensação que se modifica segundo os raios que o atravessam; cada côr do espetro dá uma sensação distinta, mas sempre análoga para todos os que posam, o que implica a ação sôbre os membros fluídicos duma diferença no cumprimento de ondas, cousa que os nossos físicos podem constatar, se se derem ao trabalho de estudar êsses fenômenos.»

Alphonse Bouvier reforça a validade de suas experiências pessoais ajuntando-lhes uma descrição minuciosa dos métodos empregados, precauções tomadas, modalidades segundo as quais se desenrolaram as delicadas experiências, todas as informações tecnicamente necessárias e importantes, mas que abstenho de relatar para ser breve.

Como se vê, com estas últimas experiências, encontramo-nos em presença de provas, de facto concludente quanto à demonstração da existência real, sob forma fluídica, do membro amputado.

O que equivale, de maneira não menos concludente, a demonstrar a existência imanente de um «corpo etérico» no «corpo somático». Dai a importância teórica que assumem os fenômenos de «sensações de integridade nos amputados», para a solução do grande problema aqui examinado, o qual reveste uma importancia fundamental para a demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano. E' neste ponto flagrante, que certos homens de ciência, sistematicamente opostos á sobrevivência humana, após terem convenientemente estudado os fenômenos psíquicos, reconhecem publicamente a realidade de quasi toda a fenômenologia metapsíquica, mas... recusam-se a admitir a existência dum «corpo etérico», imanente no «corpo samático», e isso, evidentemente, porque tal aceitação os forçaria a renunciar às convicções filosóficas pessoais e sinceras. O último dentre êles, o Prof. Bernard, que recentemente publicou um grosso volume intitulado: *O Supranormal,* em que reconhece a realidade de quasi toda metapsiquica, salvo o espantoso fenômeno de «bilocações», fenômeno que implica a existência dum «corpo etérico», suscetível de se separar temporariamente do «corpo somático», com as consequências teóricas que daí decorrem.

Assim postas as cousas, desejável é que outros experimentadores não tardem a retomar as importantes experiências de Alphonse Bouvier, de modo a conferir-lhe o valor dos factos definitivamente adquiridos para ciência.

E aqui, a título de observações complementares convergindo para conclusões idênticas, eu cito ainda exemplos de sensitivos que, encontrados em pessoas amputadas de um membro, espontaneamente declaram perceber o membro falto sob uma forma fluídica. O Dr. Kerner conta o que segue, da célebre «Vidente de Prevorst»:

«Quando ela encontrava uma pessoa que perdera um membro, continuava a ver o membro ainda ligado ao corpo. Quer dizer que ela via a forma do membro produzida pela projeção do

fluído nervoso, do mesmo modo por que via as formas fluídicas de pessoas falecidas. Talvez nos permita este interessante fenômeno, explicar as sensações experimentadas pelas pessoas que ainda sentem o membro que fôra amputado. A invisível forma fluídica do membro ainda está em relação de continuidade com o corpo visível e isto nos prova suficientemente que, após a destruição do envólucro visível, a forma é conservada pelo fluído nervoso.» (Dr. Kerner: «A Vidente de Prevost», pg. 47).

Passando à exposição rápida das impressões conexas de enfermos atacados de hemiplegia, eu observo também a êste propósito, quanto a hipótese «periférica» se torna sempre mais problemática e insustentável, tendo em consideração que os enfermos em apreço afirmam sentir e ver bem perto de si, e precisamente do lado paralisado, uma outra pessoa que êles teem como reprodução exata delas mesmas, e teem a impressão que ela goza da inteira sensibilidade que lhes foi arrebatada.

O Dr. Sollier expõe tais factos no «Bulletin do Institut Géneral Psychologique» (1902, pag. 45 e 1904, pag. 539) e os explica recorrendo a uma variante da hipótese «periférica» a saber, como «projeções halucinatórias de origem cenestésica». Não menos devemos observar que, se para os amputados, as duas hipóteses são legitimas por se conservarem inteiras, nos amputados, os centros de inervação periférica e o sentido cenestético, não se poderia afirmar a mesma cousa dos hemiplégicos, cujos centros de inervação correspondendo ao lado paralisado, estão destruidos e cujo sentido cenestésico está mais ou menos *enfraquecido*. Aqui não seria lícito falar de sensações de «desdobramento» consecutivas ás *excitações periféricas* transmitidas a centros inexistentes, exatamente como haveria contradição ao falar de *uma hipertrofia* do sentido cenestético indo até provocar uma objetivação halucinatória, ao mesmo tempo que o sentido em questão se acha *enfraquecido e diminuido*, em consequência de lesões traumáticas centrais, e não de desordens funcionais, o que seria outra cousa.

ET PER CONVERSO, não existiria contradição, e os factos se conciliariam com a teoria quando, nas investigações psíquicas de hoje, sôbre os fenômenos de «exteriorização da sensibilidade», se sustentaria a tese do desdobramento nos casos de hemiplegia, fazendo notar como, por efeito da paralisia sôbrevinda, os liames que uniam o «duplo fluídico» a uma metade do organismo, provavelmente desapareceram e assim determinaram uma separação parcial um do outro.

Concluo e resumo: O fenômeno das «sensações de integridade» nos amputados, e o outro, conexo, das «impressões de desdobramento» nos hemiplégicos, bastam por si mesmos para provar de um ponto de vista inesperado, a existência dum «corpo etérico» imanente no «corpo somático». E é esta a prova fundamental indispensável á demonstração científica da existência e da sobrevivência do espírito humano. Além disso, como os fenomenos em questão representam o grau inicial dos fenômenos de «bilocação», êles concorrem admiravelmente a completar as provas experimentais necessárias á demonstração científica destas ultimas, as quais, em seu pleno desenvolvimento (quando então são transferidos ao fantasma desdobrado, a conciência, a inteligência, a memória integral e as faculdades sensorias supranormais), fazem emergir uma circunstância de facto teoricamente muito importante, a saber, que a sobrevivência do espírito humano à morte do corpo se evidencia um facto experimentalmente demonstrável, *mesmo que alguém queira limitar-se aos únicos fenômenos de bilocação.*

(Continua).

---

*Considera a pessoa de outrem como tua igual em dignidade, e abstem-te de servir-te dela para atingir teus fins egoístas.*

*KANT.*

# A Ciência da Negação

J. B. Chagas

— II —

AQUELES que se aventuram a perquirir o *porque* das cousas, se expõem realmente a grandes perigos, porque se abalançam à procura do ignorado, sem as devidas cautelas ou precauções. Outros vêem as cousas pelo lado puramente material, e para êstes tudo está dentro da matéria, porque — segundo êles — o que a ciência materialista não explica, não existe, é mistério, esquecidos de que é muita temeridade negar os factos, só porque não são do nosso conhecimento. E' pois, uma fórmula empírica negar o que está fóra das nossas percepções, ou do alcânce do nosso raciocínio.

O Espiritismo sempre existiu, dêsde que foi creado o primeiro espírito. Faltava apenas o processo adequado para pôlo em evidência, livremente, como hoje fazem por aí em fóra casas onde são estudados os Evangelhos de Jesus, segundo o *espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.*

Mas não é só a covardia dos sábios que tem creado o maior obstáculo a propagação do Espiritismo: tambem os comodistas espirituais, os espiritistas de gabinete, como os materialistas-cientistas e espiritualistas-religiosos, que se casam pela igreja católica e levam seus filhos à pia batismal, por tudo isso e pelo pouco caso que ligam ao progresso das ciências. Não querendo estudar e observar, fecham-se num ceptismo revoltante, que não encontra justificativa, e é denunciador de inferioridade de caráter.

Os primeiros, os materialistas-cientistas, nada admitem fóra da matéria. Para êstes, mesmo a matéria viva é inerte, mas passível de *irritação*... Ora, sendo a matéria viva, inerte, mas passível de *irritação*, é claro que existe um elemento, agente de irritação, que está fóra da matéria e independente dela.

Outros, não podendo apreender os esplendores da ciência espiritualista, os factos e as manifestações dos espíritos, atribuem os trabalhos dos espíritas e dos *médiuns* à Satanaz, e eis como o Diabo aparece como fator negativista.

«A intolerância de certos sábios — diz-nos *J. Maxwell* — só pode ser comparada à de certos dogmas... O preconceito religioso que proscreve as experiências como sobrenaturais é tão pouco justificável *como o preceito científico que neles só vê fraude e embuste.*»

O que se passa nos Centros Espíritas é obra de Satanaz! Êsse é o argumento barato, chulo, dos ignorantes. Ora, Satanaz, segundo os adversários do Espiritismo, é o gênio do mal, logo Satanaz está *contra a sua obra*, porque o Espiritismo só faz o bem, e todo aquele que está contra a sua obra, está contra si mesmo, ou então, permitam o termo, Satanaz está caducando...

Êsses argumentos, felizmente, caem por si mesmo e não encontram éco, porque no Século XX todos têm sêde de investigação, de saber.

Mas, infelizmente, por um comodismo desprimoroso para o homem, êle tem delegado a outrem a solução de tão transcendentes problemas, que a êle sómente compete a decifração.

O *magister dixit* e o *pater dixit*, perderam toda a sua autoridade, porque todo ente humano é um ser pensante, não comportando os tempos que correm tutelas espirituais, e aquele que transfere a terceiros a prerrogativa de pensar por si, abastarda-se moralmente. Assim não fôra, e Deus, o Creador de todas as cousas, não teria dotado a criatura humana de inteligência, raciocínio, ou seja razão, sendo prático e, sobretudo, livre arbítrio, que asseguram ao homem o governo conciente de si mesmo, com os gravames que isso acarreta, pelo bom ou mau emprêgo dessas faculdades.

«Não merece a honra de uma refutação—afirma *D. José Pellicer*, em seu formidável livro —*«Roma e o Evangelho»* —a idéia de atribuir ao diabo, exclusivamente ao diabo, as comunicações espirituais». E' a afirmação de um padre que começou seus estudos de «espiritismo com a resolução de abandoná-los se, no caminho das investigações teórico-práticas, surgisse algum princípio oposto à moral evangélica, baluarte inabalável de nossas crenças religiosas», conforme consigna em sua obra.

O Satanaz, que os nossos adversários dizem estar conôsco, perdeu todo o seu prestígio, como foram desprestigiadas as falsas crenças do inferno, purgatório, penas eternas, que nem para fazer mêdo as crianças, servem mais... Até o milagre, tão beatificamente apregoado, desceu mais razo que o chão, porque a doutrina espírita aí está espalhando aos quatro ventos, pelos livros do seu codificador, estas verdades: «O caráter essencial do milagre, no sentido teológico, é ser uma exceção ás leis da natureza e, por conseguinte inexplicável por estas leis. Dêsde que um facto possa ser explicado e decorra de uma causa conhecida, deixa de ser milagre. E' assim que as descobertas da ciência têm feito entrar no domínio do natural certos efeitos considerados milagres, por serem ignoradas as suas causas».

Mas, voltemos aos materialistas. Um eminente brasileiro e grande *prócer* abolicionista, deixou-nos estampado em magistral quarteto o seu sentir materialista. Ei-lo:

*Tudo é nada no mundo, o nada é tudo,*
*Porque tudo do nada foi tirado!*
*Porque no nada tudo é transformado,*
*E ao nada volverá num dia tudo!*

Hoje, certamente, o seu espírito deve ter compreendido que não vindo do *nada*, porque centelha divina, ao «nada» não volvêra, porque não existe o *nada*.

O homem é matéria e espírito, e investido dessa dupla personalidade, encerra em si os seus próprios destinos e é o construtor da sua própria felicidade. E sôbre um dêsses elementos que o homem completa, afirma-nos *Bozzano:* «Que um Nicoláu Paganini, possa tirar efeitos admiráveis de um violino monocórdio, é coisa naturalíssima, dêsde que em semelhante instrumento não existem notas, cabendo a *virtuosidade* do executante a tarefa de improvisá-las; mas que um *Rubinstem* possa tirar efeitos admiráveis de um piano desafinado e desmantelado, isso não, porque, em tal instrumento, as notas são prefixadas, nada podendo sôbre elas a virtuosidade do executante».

*Pascal*, aos doze anos, descobre a maior parte da geometria plana. *Mozart*, contando apenas quatro anos, executa ao piano uma sonata, e, com oito, compõe uma ópera. *Thereza Milanollo*, quando ainda na infância, tocava violino de modo a assombrar as capitais da Europa. São factos êsses que provam a existência de um elemento superior que independe do «homem-matéria».

A natureza, porém, inteligentemente, restringe as nossas percepções e sensações. Só pouco a pouco ela nos impulsiona pelo caminho da sabedoria. Só muito lentamente, de vida em vida, somos levados ao conhecimento da verdade-relativa, porque a verdade-integral ninguém a possuirá na carne, para que se cumpram as palavras evangélicas, mesmo porque muita luz cega.

* * *

Portanto, todo efeito tem causa; toda causa precede o efeito e das mesmas causas decorrem os mesmos efeitos. Porque, como é do nosso conhecimento, o acaso não existe.

Felizmente soará tudo a sua hora e concluiremos, afinal, que tudo ocorre no momento exato, preciso.

A hora, porém, tem soado para muitos sábios e inventores que julgam, no entanto, suas descobertas os frutos do seu esfôrço, de sua imaginação, esquecidos de que — segundo diz *M. Bomfim*, em sua obra *Noções de Psicologia* — «a inteligência é orientada (como que guiada), pela tendência natural para a perfeição e a harmonia, e a imaginação creadora trabalha sob o estímulo imediato das afeições». A imaginação, também, denomina êle «faculdade de conceber novas sínteses mentais, independentemente do influxo direto dos sentidos.» Vejamos bem *independentemente da ação direta dos sentidos!* Mas, para *Guyau*, a creação imaginativa tem início por uma *concepção confusa* — atentemos, mais uma vez, o que vem a ser essa «concepção confusa» de que nos fala *Guyau*, — mais ou menos rápida — que é a inspiração, resultante de uma aproximação de imagens, que se associam e logo se fundem: Diz-nos êle próprio: «E' uma sintese obscura, sôbre a qual o espírito trabalha aturadamente, — decompondo, recompondo, substituindo, numa série de imagens esboçadas, até obter a sintese definitiva, a creação original.»

Toda inteligência pode possuir uma grande concepção para interpretação dos factos, mas a indução de princípios gerais das leais, corresponde a uma desco-

berta ou invenção. *Newton* inventou, realmente, essa lei da atração universal, a qual o seu nome está intimamente ligado. Não fôra, porém, o seu grande poder de concepção aliado a uma intuição divina, ser-lhe-ia impossível colher da observação de factos tão desconexos esta fórmula rigorosa e exata: «os córpos se atraem na razão direta das massas, e na razão inversa do quadro das distâncias».

«A inspiração — afirma *Aleixo Alves de Souza*, na sua magnifica obra «*Os Grandes Ideiais Humanos*» — é uma só; uma só é a fonte e origem da concepção ideal; as concepções e creações são tantas quantas as individualidades e temperamentos artísticos capazes de vibrarem ao sôpro da Inspiração Eterna.»

E um pensador patrício, secunda-o mais ousadamente, quando assevéra que: «o homem só realiza o que póde quando idealiza o que não pode.»

Mas não basta possuir uma grande concepção creadora; é preciso sobretudo «á inteligência da coisa juntar a flexibilidade do talento» para poder transmitir aos outros tudo aquilo que possa fazer vibrar a sua sensibilidade «ao sôpro da inspiração eterna», como bem diz *Aleixo*.

O que é certo, é que os sábios, procurando, na abstração de seus gabinetes, durante longas horas de concentração e paciente meditação, novas concepções, são imperceptìvelmente intuidos por entidades estranhas, e o «lampejo do gênio, outro cousa não é senão o sôpro espontâneo de um Espírito superior.» E se a hora houver soado, sendo o sábio escolhido para mostrar ao mundo uma nova ordem de cousas, a descoberta aparece.

Assim, o sábio, o estudioso, é apenas premiado no seu esfôrço. Porque também está escrito: «nada permanecerá eternamente oculto.»

Por aí se vê que a descoberta do gênio não pertence ao sábio, e por isso não é dado a ninguém descobrir qualquer cousa e guardar o segredo aváramente. Porque o que assim proceder terá o desprazer de vêr surgir, mais além, a mesma descoberta. E o que a êle foi concedido por uma *concepção confusa e independentemente do influxo diréto dos sentidos*, selo-á a outrem nas mesmas condições!... Porque a rigor «nada foi inventado, tudo existe em estado latente, competindo ao homem procurar os meios de aproveitar as fôrças que oferece a natureza», assevera *Kardec*.

Eis porque é certo, e está nos Evangelhos — que «a lâmpada acesa não pode permanecer sob o alqueire.»

E a prova aí está na palavra que nos vem do alto: «A nossa missão — dizem-nos os Espíritos — consiste em por a Eternidade a serviço do Tempo e renovar, para a humanidade, sôbre bases científicas, a noção fundamental da continuidade da existência, dos dois lados do túmulo. Qual seja esta empreza, quão imensa e multiforme, nem quais os méritos dos perseverantes esfôrços que vêm despendendo, de geração em geração, as mentalidade mais de escól, não podeis conceber, senão de um modo muito vago e obscuro. Dela sairá revigorado, vitalizado, transformado, todo o sistema ético-religioso do mundo». Eis a palavra dos mortos.

Atentemos bem no que ficou dito. Em virtude da nossa miopia de concepção não podemos alcançar o esfôrço perseverante das mentalidades de escól, no sentido de transformar o sistema ético-religioso do mundo, e renovar, para a humanidade, sôbre bases científicas, a noção fundamental da continuidade da existência, dos dois lados do túmulo...

# A ESMOLA

Eu passava por uma rua: um mendigo velho e decrépito embargou-me os passos. Estendeu-me a mão esquálida e suja, e surdamente implorou socorro.

Eu nada tinha, nem mesmo um lenço. Confuso, não sabendo o que fazer, apertei-lhe fortemente as mãos. O mendigo levantou os olhos tristes e apertou-me igualmente as mãos.

— Está bem, irmão, obrigado. O teu gesto é tambem uma esmola.

Senti, então, eu mesmo, que acabava de receber alguma coisa desse irmão. — TOURGUENEFF.

# William Crookes

ENTRE os grandes homens que maiores benefícios prestaram à ciência e que mais contribuiram para firmar o Espiritismo em bases sólidas é justo relembrar o nome do eminente químico inglês William Crookes, cujo nascimento se verificou em 17 de Junho de 1832, portanto, há 112 anos.

A' medida que o tempo avança, rasgando novas e promissoras perspectivas à humanidade, em que a ciência vai conquistando, a passos lentos mas seguros, o lugar que lhe cabe como orientadora dos destinos humanos, o nome de William Crookes

WILLIAM CROOKES

brilha cada vez mais nos horizontes terrenos ao lado dos excelsos missionários que, investidos dos poderes do Alto, tudo ofereceram, até a própria vida, para que a luz da Verdade pudesse devassar as trevas que envolviam as criaturas.

William Crookes, como tantos outros de igual envergadura e cujos nomes ilustram os anais do psiquismo, foi um continuador intransigente da obra de Kardec, tão honesto, sincero, fiel e perseverante como o Codificador.

Enfrentando com a bravura de um soldado aguerrido, o espírito de sistema, que constitue o sinál característico dos espíritos retardatários, Crookes, com as suas experiências científicas, de onde surgiram factos maravilhosos, desvendou novas sendas à ciência, impulsionando-a vigorosamente para a frente, na execução de sua grandiosa missão, que não pode ser paralizada pelos obstáculos postos à sua marcha pelos corifeus que visam manter preconceitos, tradições e interêsses materiais.

O trabalho que o célebre químico inglês desenvolveu no âmbito do seu sacerdócio, ainda não poude ser avaliado como deveria ser. Os laureis que lhe conferiu a ciência oficial nada representam em face do seu trabalho no campo do psiquismo experimental. Êle é digno da consagração unânime de todos os homens, porque dos seus esforços surgiram novos conhecimentos que, rompendo os estreitos círculos das concepções materialistas, conduziram os nossos pensamentos à outra margem da vida, não por induções abstratas, mas por factos inconcussos, inegáveis, por êle observados e estudados sob o mais rigoroso controle científico.

Entre as suas inúmeras experiências psíquicas, que tanto confundiram e abalaram os cepticos, podemos citar as célebres materializações do Espírito de Katie King, não só pela importância do facto em si mesmo como pela repercussão que continuam e continuarão a ter no mundo. As descrições dessas materializações, que têm a seu favor testemunhos insuspeitos, muito contribuirão para alargar a visão dos sábios, servindo de base ao progresso da ciência, que não pode continuar a se estribar nos efeitos, mas nas causas, nos factos.

Com o concurso da médium Florence Cook, uma jovem de quinze anos, Crookes assistiu e estudou, com a competência de um sábio que sabe medir as suas responsabilidades, durante três anos, as materializações de Katie King, que por êle foram publicadas em diferentes jornais espiritualistas.

No início de suas experiências

surgiram acusações de fraude, contra a médium, mas isto serviu para que Crookes redobrasse os seus esforços, não só para fazer prevalecer a realidade dos factos, como para fazer outras e substanciais experiências comprobativas do fenômeno espírita. E todas as suas experiências se realizaram com pleno êxito, embora exigissem constantes e exaustivos esforços.

William Crookes demonstrou cientificamente que a teoria espírita não é uma fantasia de cérebros doentios, uma filosofia abstrata, mas um facto real, positivo que se apoia em princípios e leis que a ciência oficial ainda teima em desconhecer, mas que o reconhecerá mais cedo ou mais tarde, porque o progresso, em sua marcha, não admite estacionamento, muito embora sejam lentos os seus passos.

Dedicando ao eminente sábio estas breves linhas, «Revista Internacional do Espiritismo» tem por objetivo render-lhe sincera homenagem num culto de estima e consideração, pelo seu 112.º aniversário natalício ocorrido no dia 17 do mês passado.

# Espiritismo

PROF. LEOPOLDO MACHADO

**Fenômenos Espíritas e Sonambulismo. Uma Comunicação de Satan. Uma Sessão Espírita em plena Salpetrière.**

PARA a alta mentalidade científica do dr. Mendonça de Castro, o Espiritismo consiste apenas «num estado de sonambulismo artificialmente provocado, dos *médiuns*.» É assim que os *médiuns* «como sonâmbulos naturais — diz s. s. — falam, escrevem, respondem às perguntas que lhes são dirigidas, mas de nada se recordam ao despertar».

Consiste em quasi nada o Espiritismo para o ilustre médico! Apenas num simples fenômeno de comunicação sonambúlica através de um *médium* inconsciente. Diante da afirmativa muito a sério do ilustre esculápio patrício, a gente fica a pensar na *tolice* de vultos como Flamarion, Croockes, Gibier, Aksakof, de Rochas, Zoellner, Lodge, Lombroso, Crawford, Barret, Russel Wallace, Bezerra de Menezes, Alberto Seabra e tantos, que andaram a pesquisá-lo, durante anos, pensando fôsse o Espiritismo coisa mais séria! A gente fica até com pena, por exemplo, da *simplicidade* de um Alexandre de Humboldt, a afirmar: «Os fenômenos espíritas não se podem negar; compete, agora, à ciência explicá-los!» E da *inépcia* do dr. Oxon, da Universidade de Orford, que, depois de cinco anos de estudar e experimentar o Espiritismo, confessa: «Os factos que exponho são resultados de minhas próprias experiências; êles me deram a evidência de que existe uma fôrça e uma inteligência fóra do corpo humano.» E da puerilidade de um Dr. Thury, da Academia de Genebra, que afirma: «Sua realidade está estabelecida. Ninguém tem o direito de chamá-los (os fenômenos espíritas) absurdos, sem repudiar, os testemunhos sérios dos que os afirmam».

Embora possamos alinhar centenas de testemunhos semelhantes, de cientistas e experimentadores de verdade, ficamos por aquí, a afirmar, de nossa parte, que, se tais fenômenos, — que não representam sinão uma face, apenas, e insignificante, da ação do Espiritismo — são obras do sonambulismo artificial ou sem artifícios, evidenciado fica a ação nêles do Espírito, visto como fóra da ação dos Espíritos, não ha sonambulismo natural ou artificial. Nenhuma teoria da ciência materialista explica racionalmente, como o Espiritismo, o sonambulismo. E aquí não fazemos a demonstração disto, porque o médico ilustre deu, a despeito de tudo, a entender que aceita êste fenômeno descoberto pelo Marquez de Puységur.

Só *médiuns* inconscientes, como os sonambúlicos, não se recordam das comunicações de que foram veículos. Os

*médiuns* concientes, bem ao contrário da afirmativa doutoral do esculápio, se lembram de tudo: falam e escrevem sabendo e sentindo que é uma fôrca estranha que os levam — até mau grado seu — a escreverem e a falarem!

Prosseguindo no seu estudo, que, embora inserto na primeira página de uma revista especializada e importante, não passa de um arranzel, sentencia: «Eu não acredito nos *médiuns*.» Belo argumento científico, êste, pois não? E, por causa disto, deixam de existir *médiuns* e mediunidades!? Ainda que s. s. fôsse uma celebridade, nenhum valor teria o seu crer ou deixar de crer!... E não acredita nos *médiuns* porque êles «só tiram de seus cérebros o que lá existe.» Também não crê nos Espíritos, «que só sabem o que o *médium* sabe.» Para demonstrá-lo, argumenta: «entra-se, por exemplo, numa sala onde se invocam espíritos e pergunta-se ao ouvido do *médium* o que Goethe perguntava aos Deuses, quando contra êles imprecava.» E grafa a pergunta em alemão, para que se saiba, quanto mais não seja, que sabe alemão! Conclue assim: «Se o *médium* conhecer alemão, o espírito falará; no caso contrário, nada dirá!»

O senso crítico de s. s não é menor do que a sua falta absoluta de conhecimento da Doutrina Espírita e seus fenômenos! Sinão, veria que, embora se tratasse de um *médium* que soubesse alemão, e respondesse por sua conta, seriam precisas duas condições para aquele «o espírito falará»: que o *médium* conhecesse a obra de Goethe e soubesse de cór a tirada dramática! Aquí está, senhores, o senso crítico dos que adversam, sem nada saberem, o Espiritismo!

Conta ainda s. s. que, certa vez, perguntou-se a um *médium*, numa sessão, algo sôbre o diabo. E o *médium*, «atrapalhou-se, porque não era culto.» Donde, ser preciso cultura para falar-se a respeito do diabo! Só para falar contra o Espiritismo, não se precisa de cultura alguma! E disto, dá mostras sobejas o esculápio ilustre. Pois bem: o *mèdium* «estabeleceu corrente com os irmãos de além-túmulo e respondeu por escrito: «Eu não existo!» E assinou, Satan.»

Nós temos lido e ouvido tantos absurdos, até dentro da medicina e de médicos arvorados a sábios, que não duvidamos tenham os assistentes da sessão em revista, com s. s. à frente, acreditado sériamente na comunicação de Satan! Quem é capaz de apresentar, de público, numa revista de responsabilidade, um argumento destes, contra uma Doutrina que preceitúa «ser preferível rejeitar-se 99 comunicações verdadeiras a aceitar uma só falsa,» é bem possível, não ha dúvida, de levar a sério aquilo!

Vamos expôr a s. s. um facto, que temos diante dos olhos, ilustrado a belos *clichès*, o qual responde e confunde todas as algaravias que escreveu nesta série de argumentos. O facto não se deu com nenhum espiritista, mas com o vulto, que o narra, diante do qual s. s. naturalmente se descobre reverencioso: dr. Jean Martin Charcot. Deu-se êle em plena Salpetriere, Paris. O grande médico apresentou a seus pares e discípulos uma sonâmbula — Alcina — a dizer, entre outras coisas: «Vêdes aquí uma histérica sob a influência do magnetismo. Ela obedecerá cegamente a quanto se lhe ordene.»

E ordena, no que é obedecido, que Alcina cante e danse.

Depois, esclarece: Deveis saber, por meu testemunho, pela Direção da Assistência Pública, pelo do alcaide da comuna de Levalois, seu lugar de residência, e pelo de suas companheiras, que esta mulher, além de idiota, é analfabeta. Com êstes dados, ides presenciar fenômenos surpreendentes.»

E manda que outros professores de medicina como êle ordenem a Alcina que escreva em qualquer idioma. Os professores Pannas, grego, e Matias Duval mandaram-na escrever em grego. A *mèdium*, executa, com precisão e clareza, as ordens recebidas...

Charcot, então, emocionado, declara: «Vou evocar espíritos, mas, não Espíritos vulgares.»

O prof. Laborde corta-lhe a palavra, sugerindo se evoque o Espírito de Galeno. Presente o Espírito, pergunta-se-lhe quais as observações posteriores que fez sôbre o corpo humano. Eis a resposta:

— «O corpo humano não há chegado á sua perfeita conformação. Os sistemas da circulação e da inervação estão bastante unidos e relacionados na obra da economia; porém, o sistema linfático sofrerá uma evolução de grande proveito, sobretudo para a longevidade da raça humana. Em alguns animais inferiores, de vida mui larga, já se podia fazer expe-

riências comprobatórias dêste asserto.»

Toda essa luminosa comunicação de Galeno foi escrita por Alcina com caracteres gregos e no antigo idioma do tempo do *Pai da Medicina.*

Depois, foi o professor Mathias Duval que pediu se evocasse Platão, para que dissesse das semelhanças entre Alexandre, Cesar e Napoleão.

Presente o Espírito, veio esta resposta:

— «Observai que fisicamente êsses três homens se parecem: estatura média, temperamento nervoso, exagerado, paixões veementes, vivacidade, soberba, talento geral extraordinário, tez morena, pelo fino, negro, mão fina, expressão fácil, eloquência clarissima, resolução firme, atividade inexgotável... Todas estas lhes foram condições comuns; a obra de guerreiros e conquistadores — idêntica; a ambição única e igualmente arrebatada; a dominação do mundo! Pois sabei; essa trindade teve uma só e mesma alma: foi Alexandre, foi Cezar, foi Napoleão.»

Mathias Duval replicou: «Em quem ha encarnado novamente essa alma extraordinária?

O sábio grego respondeu: «Encarnou-se num ser que não é habitante da terra; passou a uma outra ordem de sêres que habitam em Saturno».

E desapareceu: o giz não mais traçou caracteres gregos, e a mão da médium, como que encravada na mesa, permaneceu fixa, sem movimento.

Soou a hora regulamentar, e a sessão foi suspensa, ficando os concurrentes convidados para o dia seguinte, ás mesmas horas».

Não nos interessa no caso, saber se eram, mesmo, os Espíritos de Galeno ou de Platão. De nós, como espiritista, pomos nossas duvidas... Os Espíritos, mormente do tope de Platão e Galeno, não estão, por certo, ao alcance do primeiro apêlo, da primeira evocação. Talvez nem encontrem mais, na Terra, — tais e tantas que são as imperfeições de nosso mundículo,—atmosfera à altura de sua evolução e pureza. Foi, porém, e de qualquer modo, uma entidade espiritual e culta que, falando ou não como Platão e Galeno, ou como seus emissários, alí veicularam tais comunicações por uma rapariga histérica, idiota, analfabeta, destruindo, dêste modo, tudo quanto, *sapientissimamente*, escreveu o ilustre médico patrício.

# O Espiritismo perante a Lei

*Prof. Adauto de Oliveira Serra*

dr. A. Camara Leal, jurista ilustre, cujo nome é admirado por todos os que labutam na vida judiciária do país, bastante conhecido pela sua competência através das «Reflexões Jurídicas» nas colunas do «Correio Paulistano» escreveu para êsse jornal, em 13-7-939, um longo e fundamentado artigo sôbre «O Espiritismo e o projeto do Código Criminal Brasileiro», que data venia, transcrevemos.

«As leis, na parte cuja matéria pode abranger problemas religiosos, não deveriam ser elaboradas por homens filiados a uma determinada religião militante, porque, imbuidos do espírito de seita, não oferecem as necessárias garantias de imparcialidade, para bem aquilatarem da legitimidade da prática de outras religiões.

O homem é geralmente escravo de suas preferências ideológicas e tem a inevitável tendência para procurar hostilizar as crênças que não professa, prevalecendo-se das oportunidades para tentar manifestar o livre exercício das religiões que combate.

Por maior que seja a sua autoridade técnica, o legislador individual, o jurista encarregado da elaboração de projetos de leis, não se despe de sua individualidade partidária, e transporta para o arcabouço de seus projétos a sua orientação pessoal, inflada de preconceitos filosóficos, e eriçada de prevenções religiosas.

E disso temos um exemplo no projéto no Código Criminal Brasileiro, cujo autor, descendente de um ilustre titular romano, católico militante, procurou desfechar um gólpe certeiro e mortal contra o Espiritismo.

Na parte relativa aos crimes contra a saúde pública, visando diretamente a prática espírita, qualifica como crime e estabelece punição para o uso de gestos ou palavras como meio com finalidade curativa (1).

Esqueceu-se o autor do projéto que a norma penal não é, não póde ser, um projéto arbitrário. Ao legislador não é lícito forjar crimes ao seu talante.

O que carateriza o crime, na sua qualificação legal, é o dano material ou moral resultante da ação ou omissão do delinquênte.

O conceito do crime está substancialmente ligado ao da nocividade do ato punível.

Se o áto, em vez de nocivo, é útil, é benéfico, é humanitário, ou si, embora não seja benéfico, nenhum dano possa produzir, tornando-se indiferente, não se justifica sua proibição penal, nem a sua repressão.

O legislador que punisse os atos bons, tolhendo, por essa forma, a prática do bem, inverteria a função da lei penal e daria ao direito repressivo a desoladora missão de punir, não os crimes que são a manifestação do mal, mas as virtudes, que são fontes fecundas do bem.

Punir o bem é favorecer o mal e um Código que assim agisse seria êle próprio o maior dos crimes contra a ordem pública.

Para que a lei criminal pudesse qualificar de crime o exercício da cura por meio de gestos e palavras, era mistér que êsses meios fossem, por sua natureza, nocivos à saude.

O título a que se subordina o capítulo dos - CRIMES REFERENTES Á SAÚDE PÚBLICA — DENOMINA-SE — DOS CRIMES CONTRA A INCOLUMIDADE PÚBLICA — (2). Logo, o que o autor do projéto quís proibir e punir foram os atos nocivos à saúde ou que possam pôr em perigo a incolumidade pública.

Ora, gestos e palavras são atos que, por sua natureza, jamais poderão constituir qualquer ameaça ou risco contra a incolumidade do paciente. Isentos de qualquer nocividade, sua proibição e punição não se justificam em face do próprio projeto, porque não se enquadram na definição geral dos atos contra a incolumidade pública.

Porque, então, incongruentemente, foram qualificados crimes e sujeitos à repressão penal?

Porque o que se teve em mira não foi punir crimes, onde crimes não existem, mas impedir a prática do Espiritismo, não porque represente ela qualquer perigo social, mas porque incide no ódio sectário dos que professam princípios que lhe são antagônicos.

* * *

O Espiritismo, como ciência, baseia-se nas relações constantes entre o mundo espiritual e o material, manifestadas por fenômenos rigorosamente observados e proclamados como verdadeiros por uma plêiade notável de eminentes cientistas.

Bastariam as experiências, cercadas de todas as cautelas, levadas a efeito por sábios de renome universal, para que o Espiritismo, quando não fôsse aceito por nossos cientistas, vinculados a preconceitos religiosos, fôsse, pelo menos, respeitado.

Quem ousaria, sem se expor ao ridículo, contestar a autoridade científica de um WILLIAM CROOKES (3) de um RUSSEL WALLACE (4), de um CHARLES RICHET (5), de um DE ROCHAS (6), de um LOMBROSO (7)?

No entanto, as suas obras aí estão, e ignorá-las não é airoso aos que se ufanam de estudiosos e se orgulham de acompanhar o progresso evolutivo das ciências.

As curas espíritas, por influência dos espíritos, por meios supranormais, sem a interferência de agentes terapêuticos medicinais, estão amplamente comprovadas pelo testemunho insuspeito de muitas autoridades mundiais.

Já Jesus e os apóstolos curavam todas as enfermidades sem qualquer substância terapêutica (8).

E' que êstes tinham dons mediúnicos e se tornavam instrumentos da ação benéfica dos espíritos.

Encontram-se copiosas confirmações das curas espíritas em autores que não pertencem à escola de KARDEC, mas cujo testemunho obedeceu ao critério da mais nobre imparcialidade.

Assim BETCHEREW (9), PIERRE JANET (10), TOUKHOLKA (11), KARL HAPPICH (12), EMILE MAGNIN (13), WATRAZEWSKI (14), CARL WICKLAND (15), ROSA AGULIANA (16), HEWAT MACKENSIE (17), MAURICE

GARÇON (18), REHM (19), HENRI DESOILLE (20), CARLO ROTHY (21).

E os processos psicoterápicos, pela sua natureza espiritual, não oferecem qualquer perigo à saude, não podendo, portanto, incorrer na sanção penal.

Se a cura pelo Espiritismo é um facto, se seus métodos terapêuticos não provocam qualquer perigo à saude, se os espíritas reproduzem as curas exercidas pelos apóstolos, tornando-se elementos úteis à humanidade sofredora, em nome de que princípio poderá a lei penal tolher-lhes a prática da caridade e o sublime ministério do bem?

Somente nos tempos inquisitoriais, quando dominava o regime teocrático, a ciência foi muitas vezes amordaçada e os sábios punidos como herejes.

No entanto, se quer, por meio de leis draconianas, restabelecer a inquisição branca do século XX, negando-se a evidência cristalina dos factos e condenando-se uma ciência, não porque seja falsa ou nociva, mas contrária ás preferências religiosas de uma parte da coletividade, ou os interêsses profissionais de uma determinada classe.

* * *

A Constituição Federal assegura aos brasileiros e estrangeiros residentes no país, a liberdade de culto. (22)

O culto é uma homenagem à Divindade, e os espíritas rendem essa homenagem a Deus pelo exercício da caridade. E assim procedem, em obediência aos ensinamentos evangélicos, porque entendem que nada seria mais agradável ao Pai do que a observância do grande mandamento do amor em que Jesus sintetizou todos os mandamentos. (23)

A caridade é pois, o principal culto religioso do Espiritismo, de modo que impedí-la é tolher a liberdade constitucional de culto.

Manifesta se torna, portanto, a ilegalidade do projéto do Código Criminal Brasileiro, que, para reprimir o Espiritismo, refugiu ao critério jurídico do direito repressivo e violou a liberdade individual garantida pela Constituição.

Proibindo a prática da caridade espírita, procurou tolher o livre exercício de culto de muitos milhares de brasileiros e arvorou arbitrariamente, em crime a prática do bem.

Faz-se necessário uma revisão dêsse projéto, para que a lei não se converta em instrumento do partidarismo sectário, e não venha a constituir-se em órgão simulado de uma nova teocrácia, com opressão à liberdade de conciência, em flagrante contradição com o espírito liberal da Constituição Republicana e com o caráter de imparcialidade religiosa do Estado leigo.

Toda lei que tiver por objetivo cercear a liberdade religiosa por meios injustamente coercitivos, estará condenada, por si mesma, a se tornar letra morta, mais cedo ou mais tarde, porque êsse é o destino fatal de todos os preceitos inspirados na opressão e que formam contra a conciência jurídica dos povos.

* * *

Arranquemos a máscara da hipocrisia e tenhamos a necessária energia para dizer a verdade.

A fábula do lobo e do cordeiro se renova em nossos dias.

Não é que o Espiritismo esteja turvando as águas da tranquilidade pública, não é que sua ação caridosa na cura dos enfêrmos esteja pondo em risco a incolumidade pública, nada disso se verifica e seus adversários bem o sabem.

É, porém, que ha uma palavra de ordem para que o Espiritismo seja debelado e extinto.

Assim como a condenação de Jesus obedeceu à palavra de ordem dos sumos sacerdotes da antiga lei, e êle foi supliciado, não pela nocividade pública de sua doutrina, mas porque contrariava os interêsses materiais dos fariseus, assim também é preciso que se condene o espiritismo.

Mas, como Jesus, êle sofrerá a iniquidade da justiça dos homens, para melhor merecer a glória da justiça de Deus.

---

*(1) — Projeto do Código Criminal Brasileira — art. 234, parag. único n.º 1.*

*(2) — Projèto cit. — Liv. II, Tit. V. Cap. 1.*

*(3) — William Crookes — «Researches on Spiritualism».*

*(4) — Russel Wallace—«Miracles and Modern Spiritualism».*

*(5) — Charles Richet — «Traité de Metapsychique».*

*(6) — De Rochas — «L'Extériorisation de la Motricité».*

(7) — *Lombroso — «Ricerche sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici».*

(8) — *Mateus — IV, 23; VII, 2—4 IX, 1—7; XIV, 35-36; Marcos-VI, 13.*

(9) — *Betcherew—«La Sugestion».*

(10)—*Pierre Janet – «Les Medications Psycologiques»*

(11) — *Toukholka – na «Revue Métapsychique», 1922 - pag. 429.*

(12)—*Karl Happich—«Das Okkulte».*

(13) — *Émile Magnin — «Devant le Mystère de la Nevrose».*

(14) — *Watrazewski — «Experiência de Conhecimentos Supranormais.»*

(15) — *Carl Wickland—«Thirty Years among the Dead».*

(16) — *Rosa Agullana – «La Vie Vècue d'un Mèdium Spirite».*

(17) — *Hevat Mackensie — «Quartely Transation of the British Colleg of Psichic Science» — na Rev. Mèt.—1924 - pag. 314.*

(18)—*Maurice Garçon – «Les Guèrisseurs et leurs Pratiques».*

(19) *Rehm—«Guérir sans Médecin».*

(20)—*Henri Desoille—na «Revue Métapsychique» — 1929, pag. 492.*

(21)—*Carlos Rothy—apud Carlos Imbassay—«O Espiritismo à Luz dos Factos» pag. 458.*

(22) — *Constituição Federal — art. 122, n. 4.*

(23) — *Matheus XXII, 37-40; Marcos,—XII, 29-31; Lucas-X, 27-28.*

# Dr. Gabriel Gobron

*A nossa prezada colega «Estudos Psíquicos», que se publica em Lisbôa, Portugal, em seu número de abril último noticía o desencarne do ilustre espírita Dr. Gabriel Gobron, que a miude ilustrava as páginas de «Revista Internacional do Espiritismo» com os seus substanciais artigos críticos, doutrinários e científicos.*

*Com o seu passamento mais um claro se abre na fileira espírita e mais um homem de valor incontestável perde a martirizada França.*

*Eis o que «Estudos Psíquicos» diz sôbre Gabriel Gobron:*

«Depois de ter estado num campo de refugiados, em França, faleceu nas Ardenas, donde era natural, o nosso redator-correspondente Gabriel Gobron.

Soubemo-lo pela devolução do número 4 de *Estudos Psíquicos*, que fôra endereçado para o *Centre d'accueil des refugiées de L'Absie, Deux-Sèvres* e os correios alemães remeteram para *Rethel, Ardennes*, onde êle residia, antes da guerra. Êste número regressou ao ponto de partida, com a nota: *Décédé* (falecido).

Há muito tempo que as nossas relações estavam interrompidas. Em 26 de Julho de 1940, recebemos as últimas notícias dêle. Dizia que se encontrava no local acima citado e acrescentava:

«Rogo-lhe o favor de indicar o meu novo endêreço aos meus correspondentes portugueses, brasileiros e estrangeiros, dizendo-lhes que é temporário. Só mais tarde saberei o meu enderêço definitivo. Depois, lho comunicarei. Já nada possuo nêste mundo, além de três pequenas malas de mão, com as quais eu e minha mulher teremos de fugir de Rethel, frente à batalha terrível. Estou despojado de todos os bens terrestres, reduzido a uma vida pouco espiritual e reconfortante, como os que não têm a nossa luz interior e as nossas certezas. Atravessamos uma prova apocalíptica, na confusão extrema em que se encontra o mundo atual. Soubemos que a nossa casa se encontrava de pé, embora, infelizmente, saqueada. Não sei quando poderá reaparecer *La Revue Spirite*, porque as coisas espirituais não têm agora ambiente nesta região. Resta-nos a nossa alma e Deus!»

Por aquí se pode calcular o estado de espírito de Gabriel Gobron, um dos espíritas mais desassombrados que ainda conhecemos.

Redator de *La Revue Spirite*,

com a «Bibliografia» e a «Crônica Estrangeira» a seu cargo, colaborou em dezenas e dezenas de revistas e escreveu muitos livros, um dos quais foi distinguido pela Academia Francesa.

Prometera-nos assídua colaboração e começou a cumprir a sua palavra; e se não fôsse a anormalidade motivada pela guerra, estamos convencidos de que teria sido um dos mais operosos colaboradores, não só em virtude da sua grande simpatia por *Estudos Psíquicos*, como também pelo dinamismo e entusiasmo com que defendia o Espiritismo.

Nêste ponto, era semelhante ao Dr. Rodrigo Sanz, outro redator-correspondente que a morte levou, precisamente quando lançavamos o 1.º número desta revista.

Gabriel Gobron dominava inteiramente sete ou oito línguas, entre as quais o português, razão esta que o levava a interessar-se pelas revistas luso-brasileiras, onde os seus artigos apareciam regularmente.

Além disso, era redator de *La Revue Spirite Belge*, à qual dava o melhor do seu esfôrço bem ordenado.

Enfim, Gabriel Gobron, romancista, historiador, crítico e poliglota de grande merecimento, abandonou as plagas terrestres e entrou no Além, afim de cumprir os desígnios de Deus.

Paz ao seu espírito, visto que só em paz conseguirá preencher a lacuna da sua vida cósmica, que talvez deixasse em aberto».

—

# Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

*(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).*

(Continuação)

Esp.—Penso que vou ficar aquí. Sinto-me melhor. Sinto-me muito melhor agora.

Méd.—Sentir-vos-eis ainda muito melhor depois de verificar a beleza do mundo espiritual. Devereis tornar-vos tão pequeno como uma creança, então podereis «entrar no reino do Céu». Não basta crêr, é preciso compreender. Qual é o vosso nome?

Esp.—Edward.

Méd.—E o sobrenome?

Esp.—Não sei.

Méd.—Onde vivieis? Sabeis que estais em Los Angeles, California? Sabeis em que ano estamos?

Esp. Não, não sei.

Méd.—Porque não sabeis?

Esp.—Perdi a memória. Não posso pensar. Nada mais sei. (Êsse estado de confusão parece indicar que a causa da anesia de certos enfêrmos é devida, provavelmente, a que se acham obsedados por espíritos em estado de perturbação).

Méd.—Isto é porque estivestes mergulhado nas «trevas exteriores» e, sendo um espírito errante, penetrastes na aura daquela senhora, a dominastes e a fizestes agir como uma pessoa insana.

Esp.—Queria ter um lar, bom e tranquilo.

Méd.—Está direito o que fizestes?

Esp.—Uma vez que estáveis errando na escuridão há tanto tempo e vieis uma luz, não vos deterieis?

Méd.—Essa não era a luz exata de que precisáveis. Necessitais da luz espiritual do entendimento.

Esp.—Então pensais que devo ir à igreja, cantar, orar a Deus e lêr a Bíblia?

Méd.—Fizestes, em alguma ocasião, um estudo aprofundado da história da Bíblia para saber quem a escreveu?

Esp.—Era o livro inspirado de Deus.

Méd.—Deus não escreveu a Bíblia, mas o homem. Poderia Deus escrever certas coisas que se encontram na Bíblia e que são impróprias para se lêr numa sociedade respeitável.

Esp.—Quem escreveu o livro?

Méd.—Foi compilado de muitas

fontes, durante diversos períodos, principalmente com o fito de manter o povo em sujeição pelo mêdo de um diabo e um inferno imaginários. A Bíblia é uma coleção de poesia, história, alegorias e filosofia, de contradições e de verdades, porém todo o mundo acredita que toda a palavra da Bíblia foi inspirada e insiste em interpretá-la liberalmente, em vez de aceitar o que é razoável.

A Bíblia diz que «A letra mata e o espírito vivifica» e «As coisas espirituais são espiritualmente entendidas». Daí ser a religião um processo de discernimento mental. Os ensinos do Cristo contém verdades maravilhosas, porém a igreja ensinou as alegorias como factos históricos, e dogmas, doutrinas e credos obscureceram o seu significado espiritual.

Esp.—Acreditais que Deus fez o mundo em seis dias e descansou no sétimo?

Méd.—Não, isto é apenas uma narração alegórica. Os sete días simbolizam os sete principios da Natureza. «Deus é ao mesmo tempo o Creador e a Creação»; se Deus repousasse, tudo acabaria. Devemos compreender a vida como ela é e não acreditar simplesmente no que nos é ensinado. Está ficando tarde e não podeis permanecer mais aquí. Vêde se há alguma pessoa conhecida perto de vós.

Esp.—Oh! Minha mãe está aquí! Há muito tempo que não a via, pois ela faleceu quando eu era rapaz.

Méd.—Prestai-lhe atenção. Ela pode auxiliar-vos.

Esp.—Quereis levar-me consigo, mãe? Estou tão cansado. Levai-me consigo.

Méd.—Sim, ela vos levará consigo, mas deveis abandonar todas essas crenças errôneas e procurar conhecimentos.

Esp. — Deixem-me ir. (Levantando-se para sair).

Méd.—Deveis pensar primeiramente que estais com a vossa mãe. Não podeis sair com êste corpo porque êle pertence à minha esposa. Pensai que estais com ela e com ela estareis imediatamente.

Esp. Estou cansado. Deixem-me ir com minha mãe. Ela se aproxima de novo.

Méd.—Ireis com vossa mãe. Deus vos deu inteligência para pensar, portanto, deveis deixar que a vossa mãe e os outros vos ensinem o que sabem.

Esp.—Minha mãe diz que devo pedir-vos perdão por ter sido tão áspero e também àquela senhora, por tê-la importunado.

Méd.—Podeis dizer-nos de onde viestes?

Esp.—Não posso lembrar-me.

Méd.—Em que ano pensais que estamos?

Esp.—Deve ser 1901.

Méd.—Já passaram dezenove anos. Quem é o Presidente?

Esp.—Mc Kinley.

Méd.—Êle foi ferido a tiros em 6 de setembro de 1901 e morreu a 14. Estamos agora em 1920.

Esp.—Onde estive tanto tempo? Dormindo? No inverno de 1901 eu estava muito doente e é difícil lembrar-me de algo depois disto. Foi perto do Natal. Resfriei-me e estava muito mal.

Méd.—Onde estáveis quando ficastes enfêrmo?

Esp.—Trabalhava nas matas, numa cidade madeireira, na derrubada. Lembro-me de que algo me caiu sôbre a cabeça e é tudo de que me recordo. Mamãe diz que o meu sobrenome é Sterling. Sim, é isto!

Méd.—Não pode a vossa mãe dizer em que cidade vivieis antes de trabalhar na derrubada das matas.

Esp.—Nasci no Iowa, diz minha mãe, porém, quando fui ferido, estava trabalhando nas matas, no norte do Wisconsin. Costumava morar no Iowa.

Méd.—Podeis lembrar-vos do nome da cidade?

Esp.—Não, não posso.

Méd.—Bem, amigo, procurai obter uma exata compreensão da vida e ser útil à humanidade, em vez de prejudicá-la. Estivestes prejudicando uma senhora e ela não está completamente boa.

Esp.—Não fui o único a prejudicá-la; há outros dois tão maus como eu.

Méd.—Quando melhorardes podeis auxiliá-la a ficar boa e afastar dela os outros espíritos.

Esp.—Tentarei. Obrigado. Adeus!

# Filosofia e Doutrina

## Pró-Organização do Espiritismo

*Para a «Revista Internacional do Espiritismo»* — J. LIMA.

VIVEMOS para aprender e aprendemos para viver... E' inegável êste fato. Tudo nos diz de uma grande lição a estudar e a própria natureza «morta» é um imenso campo de estudos e revelações extraordinárias, que tem consumido vidas inteiras de sábios e artistas anciosos por arrancar-lhe o divino segredo. Que dizer dessa natureza viva, esplendente de emoções, de empreendimentos gigantescos, de movimentos rítmicos e ordenados!

Que dizer do homem — essa maravilhosa expressão de vida, essa máquina reveladora de carne e espírito, imagem material do Creador do universo — o Sêr por excelência, ante o qual nos humilhamos e pelo qual vivemos, anciosos por compreendê-Lo, por sentí-Lo, por vé-Lo, por amá-Lo!

As ciências têm experimentado tudo o que já lhes foi possível experimentar, e tirado dessa própria natureza, plena de mistérios, muitos conhecimentos que lhes têm facultado a marcha na senda do progresso, êsse progresso cujo ciclo nunca se fechará por certo, porque o homem precisa progredir, subir muito mais ainda do que já tem subido.

A natureza continua sendo um imenso enígma, porisso que a ciência continua investigando e a Filosofía indagando sempre se descobre faces esplenderosas da vida universal, e o homem tem se elevado extraordinariamente acima dos níveis paupérrimos do sofrimento e da luta ingente da existência terrestre.

Que é a vida, hoje, senão um paraízo, comparando-a ao que era ontem? Que será a vida amanhã? Não nos diz a conciência e a razão que ela nos será fulgurante?

* * *

Vivemos para aprender e aprendemos para viver...

As religiões têm ampliado a figura do Deus místico que originaram, mas apesar disso, não mais julgamos o Creador como um ídolo e sim como a própria existência, por isso que o adoramos no íntimo da alma e só através da alma procuramos sentí-Lo.

O dilema da vida humana ganhou novo significado moral, intelectual e anímico com o aparecimento do Espiritualismo, derrubando as velhas noções e concepções do Materialismo, baseado apenas na apreciação do panorâma do universo físico, não cogitando do espiritual.

A teoría da reencarnação, embora ainda impugnada pela maioria, conforme nô-la apresenta a doutrina Espírita, veio explicar númerosos mistérios e quando a ciência e a filosofía oficial a aceitarem abertamente e convictamente e por ela basearem suas leis e suas atividades educacionais (pois que algum dia a aceitarão), ter-se-à então dado mais um grande passo na senda do progresso e ver-se-á que todos os grandes sofrimentos, misérias e crímes do mundo, diminuirão, porque então o homem saberá como preservar-se dêles. E' apenas uma questão de tempo...

* * *

Ha realmente o Progresso em todos os setores e o Espiritismo, dentro da concepção religiosa, revela-se como progresso de todas as religiões do mundo e isso já vai sendo bem compreendido pelas criaturas de senso altivo e bem formado que, por felicidade, não se prenderam aos místicos e rústicos argumentos da tradição, pois aceitaram e querem o Progresso.

E' que, como Religião, o Espiritismo não faz como as outras, abolindo de suas cogitações o sôpro esclarecedor da Ciência e da Filosofia, pois que, êle mesmo, além de as tornar elementos positivos e essenciais de sua forma de ser, revela-se, como religião, ciência e filosofia; não ciência e filosofia com caráter místico, mas justamente experimental, porisso que naturais, bem naturais. E' êsse o motivo por que o Espiritismo não tem sofrido contestações *razoáveis* da Ciência e da Filosofia, que só o não aceitaram ainda, aberta e oficialmente, porque a doutrina,

dada a disparidade com que é usualmente desenvolvida, na prática e nas interpretações individuais, não constitue um organismo perfeitamente uniforme. Mas a culpa não é dela e sim dos que não a sabem interpretar no seu sentido verdadeiro.

Hà, na verdade, contra o Espiritismo, muita oposição e muita impugnação, feitas justamente em nome da Ciência e da Filosofia, porém tais ataques não constituem *contestação razoável* e têem, geralmente, o caráter sectarista e individual, e não oficial como devêra ser. Aliás, contestar e rebater o Espiritismo é cousa difícil. O grande segrêdo de sua fôrça consiste em poder êle resistir a todas as impugnações.

As *verdades* doutrinárias do Espiritismo, justamente por não possuirem qualquer feição dogmática, são, por isso mesmo, incontestáveis. Quando acontece vir alguém em público tentar, ou por um meio ou por outro, contestar a utilidade, o valor da realidade do Espiritismo, seja como Ciência, como Filosofia ou como Religião, o faz apenas firmando-se no misticismo e no fanatismo apreciados em alguns Centros, cousa que é também muito combatida pela própria doutrina e por nós mesmos, que, infelizmente, estamos desarmados para os reprimir. Por aí vê-se que o ponto de apóio dos nossos adversários é muito frágil e não tem nenhuma base científica, motivo por que não têm êles obtido grande sucesso.

Já disseram mais de uma vez que o Espiritismo é «fábrica de loucos» e, ainda agora, estão se preparando para desencadear uma grande campanha pró-saneamento moral-médico, destruindo de uma vez êsse enorme mal que é a prática do «Espiritismo» . . .

Tal campanha talvez nos venha auxiliar muito ! . . . a nós que queremos sanear o Espiritismo, a-fim-de pôr um ponto final as escandalosas e misteriosas práticas que fazem à sombra do nome respeitável do Espiritismo !

Que os nossos inimigos nos ajudem realmente nêsse empreendimento gigantesco, fortalecido assim, *ainda mais*, o vigor e a grandeza da Doutrina Espírita, é a única cousa que lhes pedimos e pela qual o nosso Mestre, Jesus, lhes ficará muito agradecido, recompensando-os generosamente !

*S. Paulo, Maio de 944.*

# Crônica Estrangeira

## A que se assemelha o Mundo Espiritual ?

### The Two Worlds

Qual é a natureza do mundo ao qual todos nós iremos daquí ? A questão foi muito debatida. Diferentes indivíduos que comunicam de esferas distintas, e cada qual relatando a história de suas experiências em suas linguagens próprias, fazem surgir bastante incerteza devido as variações aparentes em sua história.

A questão foi abordada pelo Rev. C. Drayton Thomas em nova publicação intitulada : O *Amanhecer Depois da Morte*. Durante alguns anos, o Rev. Thomas teve o privilégio de assistir a sessões de Mrs. Osborne Leonard, um dos melhores médiuns de transe em todo o mundo, e a numerosos espíritos, fez perguntas referentes à natureza do mundo em que vivem. Um governador e um teólogo, um pequeno industrial e uma viúva, uma criança, um representante da arte e literatura, um desclassificado, casal de jardineiros, um doutor em divindade, um político, etc.; todos dizem de suas sensações e percepções na nova vida. Não é difícil descobrir que repousam sôbre uma fundação sólida e todavia diferem largamente em detalhes. Eles se movem entre gente diferente, e ambientes diversos ; bem variáveis são suas ocupações, e suas reações à nova vida revelam diferenças que representam o grau de sua própria evolução.

E quando se compara estas diferentes interpretações domundo espiritual é que se começa a perceber a ilimitada natureza da vida no além, e quão verdadeiro é que cada indivíduo só percebe tanto quanto é capaz de perceber. Os hábitos mentais e espirituais do indivíduo parecem concentrados num ponto do foco, e cada

indivíduo só vê tanto quanto lho permite o próprio ponto focal.

Os homens ainda não perceberam o quanto o mesmo princípio se aplica à esta vida. Lembro-me de Sir Oliver Lodge, quando depunha como testemunha no Alto Tribunal. O Juiz perguntou-lhe: «Que espécie de vida é a do mundo espiritual?» Sir Oliver respondeu: «E' uma vida bem semelhante a esta — uma vida de completa ilusão, talvez, pouco menos.» Fixando-o, disse o Juiz: «Esta nossa vida é uma completa ilusão?» Sir Oliver apontou o corrimão e disse: «Vós pensais que êsse corrimão é sólido, mas posso assegurar-vos que assim não é.»

Quão verdadeiro é que só percebemos tanto quanto somos capazes de perceber, e só recebemos tanto quanto estamos aptos a receber. Parece, pois, que a vida que experimentaremos no além, depende do grau de desenvolvimento que atingimos aquí. O indivíduo que focar sua mente sôbre um estreito princípio teológico, continuará a ver sómente isso; enquanto que o individuo cujo horizonte é largo e universal, entrará numa vida mais vasta, vida mais completa.

⁂

## Casa «assombrada»

### De «Estudos Psíquicos» — Lisbôa

Há tempos, o nosso confrade e assinante sr. Antonio de Matos, de Rosmaninhal de Mação, escreveu-nos, informando-nos acêrca duma «casa assombrada» daquela localidade e cujos moradores vinham sendo tenazmente perseguidos pelos invisíveis. Pediu-nos que auxiliássemos aquêles humildes camponeses, a-fim-de obter a sua libertação.

Após havermos realizado algumas sessões no grupo «Reper-Siam», entregámos o caso ao Grupo Espírita Paz, Humildade e Caridade, integrado no Centro Espiritualista Luz e Amor e dirigido pelo nosso prestante confrade Eduardo da Silva Tavares, 2.º secretário do mesmo Centro.

O tempo passou. Os perseguidores invisíveis reagiam de várias formas ao assédio, feito à distância, pelos médiuns daquele Grupo.

Agora, chegam-nos notícias do nosso correspondente, em carta que passamos a transcrever, para edificação de todos os que nos lerem.

Rosmaninhal de Mação, 19 de Dezembro de 1941.

Exmo. Confrade:

E' Rosmaninhal de Mação uma aldeia de agricultores que humildemente amanham a terra que lhes dá o pão. Há cêrca de quatro ou cinco anos, um dos seus habitantes, de nome José Antonio de Matos, sentiu em casa fenômenos estranhos: ruídos sem causa aparente, deslocação e modificação de objetos, luzes, etc. Êstes fenômenos começaram de maneira insignificante. Três anos depois, haviam a tal ponto aumentado de intensidade, que, mesmo de dia, magoavam grandemente os pobres inquilinos, que eram marido, mulher, uma filha e um neto.

Os ruídos iam de pancadas fortes e secas à produção de som muito semelhante à vibração de cordas de viola. As luzes consistiam em nuvens, globos luminosos ou simples resplendor. Os objetos eram levitados e deformados.

Além disso, os locatários sentiam autênticos choques elétricos, a-pesar-de ali não haver energia elétrica, e completa inibição de movimentos, quando repousavam no leito.

Assim viveu esta família, no meio de terríveis manifestações, sofrendo em silêncio, com receio de que os vizinhos os apodassem de loucos ou visionários, até que consultaram bruxos e cartomantes da região, mas sem resultado.

Houve, até, quem os aconselhasse a exorcismar, a exconjurar a casa. Mas — ó surpresa! — os invisíveis redobraram de violência nos seus malefícios, sobretudo depois das cerimônias de exconjuração, feitas pelo pároco da freguesia.

Eu não intervinha no assunto. Os sofredores vieram, porém, ter comigo — pois todos sabem que professo idéias espíritas — pedindo-me que obtivesse a condescendência dum Centro Espírita, no sentido de os libertar da perseguição.

Como não podia deixar de ser, lembrei-me logo do ilustre diretor desta revista, por reconhecer nele o caráter e a dignidade que o não deixariam indiferente ante pedido de tamanha responsabilidade. Êle acedeu com tanta vontade, solicitude e carinho, que imediatamente recomendou êsses trabalhos a um Grupo de

curas do Centro Espiritualista Luz e Amor. Os efeitos sentiram-se imediatamente, ainda que de maneira leve, acentuando-se, porém, cada vez mais, consoante os esforços empregados. E hoje a família importunada vive sossegadamente. Os incomodos visitantes deixaram de ali fazer o seu campo de manobras, mercê dos trabalhos realizados naquele Centro.

Aquí fica, pois, um testemunho para os indecisos e descrentes na Doutrina Espírita. Que Deus conceda a êsses obreiros da Seára toda a luz e o amor necessários para continuarem a sua proveitosa sementeira, são os votos que lhe endereço, com o preito da minha maior gratidão.

Creia-me confrade muito atento e grato

(a) *Antonio de Matos.*

Ao nosso prezado correspondente agradecemos os termos da sua carta. Pode estar certo de que todos aqui trabalham com os olhos fitos no Ideal e sem esperar a mínima recompensa. Doutra forma, o nosso esfôrço seria inútil. E' com factos desta natureza que o Espiritismo se irá impondo na sociedade. Para o conseguir, não recuaremos ante os maiores sacrifícios.

⁂

# Quem era o número um?

## Minha experiência Psíquica mais estranha

*«The Two Worlds» — Por Ernesto Oaten*

Vou relatar um incidente que ocorreu há alguns anos atrás, a uma família espírita do Norte, com a qual eu frequentemente realizava sessões particulares. O meu amigo «X» era próspero homem de negócios, muito empreendedor e gozando de invejável reputação. Êle havia adquirido uma bela casa residencial e lá sua grande familia habitou confortavelmente ha alguns anos. Quando eu ia fazer conferência espírita, naquela localidade com êles me hospedava e fazia parte de suas sessões privadas — que realizavam sempre — nas quais eram obtidas, por meio de uma tripode, excelentes mensagens probantes, bem como elevados ensinos morais.

A sra. «X» era grande apreciadora de flores e desejava selecionar roseiras. Ano após ano, ela as cultivou e conseguiu melhorar sua coleção em larga frente do jardim. Mas havia um obstáculo. Havia no terreno uma frondosa árvore, de mais de seis metros de altura, e em tempos chuvosos os pingos que caiam dos ramos danificavam as roseiras. Ela quís cortar a árvore e Mr. «X» concordou.

Na sessão imediata, à qual estive presente, apareceu novo espírito comunicante e implorou não cortassem a árvore. Pedido o seu nome, disse: «Eu sou o espírito que móra naquela árvore. Podeis chamar-me o número um». Mas, eu suplico, não destrui a minha morada!» Todos riram; comentámos as palavras da entidade e concluimos que alguém no mundo espiritual interessava-se por árvores e suplicava: «Lenheiro, poupe aquela árvore».

Veio um verão chuvoso e as roseiras sofreram muito, de novo surgiu a questão da demolição. Mais uma vez veio a súplica do N.º 1. «Não destrui a minha morada,» dessa vez acompanhada de uma ameaça, «Se derrubardes a minha casa, eu destruirei a vossa!» Tudo nos parecia ridículo. A familia estava perplexa e na minha próxima visita, assisti à sessão semanal e interroguei o «N.º 1.» Êle assegurou ser «o espírito da árvore» que durante quarenta anos lhe servia de pouso. Disse que não nos assistia o direito de perturbá-la para satisfazer um capricho egoista, e repetiu a ameaça. Mr. «X» começou a tomar a cousa a sério enquanto que a esposa, pensando provavelmente nas roseiras ridicularizou todo o incidente. Alguns meses mais tarde, quando o marido partira a negócios no sul, ela chamou um lenheiro, mandou derrubar a árvore e arrancar as raízes. «X» voltou e dela não encontrou vestígio.

Então aconteceu uma cousa estranha! Os negócios declinaram. Dentro de seis meses «X» faliu. Mrs. «X» adoeceu seriamente, bem como alguns filhos. A casa foi levada à praça. A família estava desabrigada. As crianças foram divididas entre parentes. Mrs. «X» foi parar em casa da mãe e Mr. «X» procurou acomodar-se com seus pais no outro extremo da Inglaterra. Não obstante ser habil homem de negocios, não conseguiu emprêgo e durante cinco anos não conseguiu melhorar sua situação.

Depois dêsse período, encontrei-o em outra cidade, e lhe propús uma sessão. O N. 1 comunicou — assumiu toda

a responsabilidade pelo que acontecera. Afirmou que estava satisfeito com a vingança, e que daí em diante auxiliaria Mr. «X» a melhorar de situação. Na semana subsequente, êle encontrou emprêgo. Poucos meses depois a familia estava novamente reunida, com lar reconstituido, mas a antiga abastança nunca mais voltou e a vida foi sempre uma luta árdua.

Estranho é que muitos espíritos amigos, alguns bem conhecidos, comunicavam nas sessões realizadas pela citada família, e assombrosa era a prova de sua identidade, mas o que surprendia era que nenhum era capaz de perceber a entidade que se denominava o N.º 1. Sentiam-se tão perplexos como nós. Qual a explicação dêsse incidente? Não pretendo pontificar ou adornar um conto. Francamente! Não conheço a explicação. Registro os factos como foram por mim observados pessoalmente. Verdadeiramente: «há mais cousas no céu e na terra —.»

⁂

## O que o Espiritismo ensina

### «Harbinger of Light»

Ensina a responsabilidade pessoal.

Remove todo o temor da morte, que é o espantalho dos ortodoxos.

Ensina que a morte não é a cessação da vida, porém méra mudança de condição.

Ensina, não que o homem tem um espírito, mas que o homem é um espírito e tem um corpo.

Que o homem é um ser espiritual, já agora, mesmo encarcerado na carne.

Que como o homem semeia na terra asim colhe na vida vindoura.

Que os que se passaram estão concientes — não adormecidos.

Que a comunicação entre os vivos e os «mortos» está cientificamente provada.

Êle ensina que a centelha da divindade reside em tudo.

Que como uma flor gradualmente se desdobra em beleza, assim o espírito do homem se desdobra e se desenvolve nas esferas espirituais.

O Espiritismo é a mensagem de Deus aos mortais, declarando que: A morte não existe. Que todos os que se passaram continuam a viver. Que na outra vida ha esperança para o maior pecador.

Que todo o espírito progredirá através dos tempos para alturas sublimes e gloriosas, onde Deus é Amor e Amor é Deus.

O Espiritismo é uma manifestação, uma demonstração e uma prova da continuidade da vida e da verdade das muitas manifestações espíritas registradas na Bíblia.

Êle demonstra os numerosos dons espirituais com que a humanidade é dotada, mas que por falta de conhecimentos foram conservados em estado latente, ou foram violentamente e injustamente suprimidos pelo preconceito.

⁂

## As crianças e as aparições de defuntos

O *Journal of the Society for Psychical Research*, contém o seguinte exemplo, de uma série, relatado por Mrs. Kat Meredith:

...Quando minha filhinha contava dois anos, seu pai, que a amava ternamente, veio a morrer. Dois mêses após sua morte, a criança estava sentada em seu leito, no quarto antes ocupado por seu papá, divertindo-se com alguns brinquedos. A empregada e eu estavamos ocupada em arrumar suas roupinhas em uma mala. Repentinamente, a menina começou a tagarelar e a rir com alguém que para nós permanecia invisível. Perguntei-lhe o que fazia e com quem conversava, e a filhinha, olhando-me com expressão curiosa de inocência admirada, respondeu-me: «Eu falo com o papai». Perguntei então: «Onde está o papá?» Ela replicou, com ar ainda mais espantado por minha pergunta: «Mas êle está aquí!» Eu disse: «Não, queridinha, teu papá não está aquí». Ela insistiu afirmando que êle estava lá, e apontou seu dedinho para o travesseiro. Mas, quasi a seguir, ela ajuntou: «Agora papai partiu!» «Que roupa engraçada trazia o papá! êle estava todo de branco!» E ela continuou a divertir-se com seus brinquedos, como se nada se houvesse passado. Ela ignorava o falecimento do pai, porque, nos tristes dias da crise fatal, ela fôra levada para um lugar distante de casa; quando voltou, nós lhe dissemos que seu pai «havia subido para o céu». Isto nada significava para uma criança de dois anos.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Resposta ao Repto do Prof. Melo e Sousa

Como os nossos prezados leitores devem saber, a família de Humberto de Campos tem a intenção de propor uma ação em Juizo, afim de receber os direitos autorais das obras mediúnicas desse escritor.

O facto está causando grande sensação e diversos juristas já deram suas opiniões, opiniões desencontradas que bem revelam a complexidade do assunto. Tambem o prof. Melo e Souza, mais conhecido por Malba Tahan, quis dar o seu parecer, e depois de muitas considerações, que nada explicam, lançou, por intermédio da «Folha Carioca», um repto aos espíritas.

O seu repto foi imediatamente aceito, e quem primeiro respondeu, pelo mesmo orgão, foi o nosso prezado companheiro Leopoldo Machado que, na verdade, é um dos mais ardentes defensores e difundidores da doutrina. A resposta de Leopoldo Machado deve ter sido bem raciocinada pelo autor das «Lendas do Deserto», tanto mais que no caso em aprêço não se trata de uma lenda, mas de cousas sérias, muito sérias mesmo, porque dizem respeito ao espírito e, portanto, a Deus.

Eis a brilhante resposta do Prof. Leopoldo Machado :

«Como espírita praticante e estudioso que tenho a fortuna de ser, sinto-me envolvido, é óbvio, no repto do ilustre professor Melo e Souza, inserto em FOLHA CARIOCA de 5 do corrente.

Assim, considero-me convidado por s. s. para estas considerações.

Só no facto do Espiritismo e dos espiritistas merecerem de s. s. o repto, é para ver-se algo que nos póde, de algum modo, desvanecer. Só se pede a quem póde dar, só se repta a quem ou ao que pode ser reptado. Por isso que, enquanto o Espiritismo vai recebendo, a miúde, reptos de toda natureza, ninguém se lembra de reptar as religiões que prègam a existência do Inferno e de Satanaz, a pedir-lhes provas concretas, matemáticas, irrefutáveis, de que Satanaz e o Inferno existem realmente...

O ilustre escritor Malba Tahan não quer combater o Espiritismo. E confessa ter amigos espíritas. Temnos, realmente. E em muito maior número do que póde supor. Tem, por suas obras admiráveis, que são estudadas e compreendidas nas escolas espíritas, já incalculáveis por êsses Brasís afóra. No grande número de seus amigos e admiradores, ha um, principalmente, que ocupa lugar de maior destaque na fila dos que gostariam de gritar-lhe a sua admiração e amisade, pelo concurso que suas histórias e seus apólogos educativos lhe trazem constantemente para a elucidação de suas aulas de moral, suas prègações e conferências... Sou eu.

Estou, pois, à vontade para estas considerações.

Quer o ilustre colega ver um espírito de matemático — do grande Amoroso Costa por exemplo — baixar a uma sessão espírita e resolver, rapidamente, um problema que o reptante proporá. Se o fizer, o professor Melo e Souza fará sua profissão de fé espírita.

Êste, seu repto, formulado depois de sua afirmação de que os espíritas só dão comunicações literárias.

Só um profundo desconhecimento da Doutrina Espírita levaria s. s. a tanto.

Conhecesse o valoroso Malba Tahan a vastissima fenomenologia espírita, e não faria a afirmação. Nem se moveria a tal repto.

Eu poderia apresentar aquí factos mais importantes do que o de seu repto, que cientistas e pesquisadores de verdade observaram e arrolaram em obras e relatórios substanciosos. Mas, que isto representaria para s. s.? Talvez os julgasse apócrifos, pondo em dùvida a sanidade mental dos atestantes. Parece que, no caso do ilustre escritor, só a questão proposta por êle, vista *com seus*

*próprios olhos que a terra ha de comer...*

Vale a pena, ainda, esta explicação muito superficial:

Um *médium* é, apenas, um *instrumento* do espírito comunicante. *Instrumento* com sua feição própria, característica. Um musicista não tiraria sons de violino numa guitarra, ainda que soubesse tocar guitarra... Assim o *médium*, que só póde colaborar com o espírito, para suas comunicações com aquilo que estiver na sua faculdade. Um *médium* de faculdade literaria, só póde receber comunicações dentro de sua espécie de mediunidade. Mormente em se tratando de espíritos que foram literatos na Terra. Êste, pois, o caso das comunicações atribuidas a Humberto de Campos recebidas pelo Francisco Candido Xavier...

Vamos ao facto que poderia arrastar o eminente Malba Tahan à profissão de fé espírita. E arrastá-lo-ia mesmo?

Há no Espiritismo, principalmente, duas faces distintissimas a considerar: a científica-experimental e a religiosa-evangélica.

O fenômeno em repto ajustar-se-ia à primeira.

Nenhum espírita conciencioso e sincero póde, experimentalmente, aceitar reptos tais, que seria garantir fenômenos. Porque o fenômeno não seja viável? Não, que factos mais significativos — muito mais! — a fenomenologia espírita já registra. Mas, por uma questão de senso e lógica. O Espírito, no repto, é uma terceira pessoa à margem do reptante e do reptado. E' pessoa á parte, que o Espírito é o homem sem o corpo material, apenas. Aceitaria o sr. Malba Tahan um repto para outrem — um amigo, um parente, um colega, um estranho — responder no lugar e nas condições ao sabor do reptante? Não, certamente, que o escritor patrício não saberia, de ante-mão, da disposição e vontade para tanto do ausente. E' bem o que se dá com os espíritos comunicantes, que não são propriedade dos espíritas, que não estão ás nossas ordens para o que lhes quisermos impôr, que devem ter, lá por cima, coisas mais sérias e mais graves de que cuidar. Por isso mesmo que Allan Kardec, a maior autoridade dentro do Espiritismo, assegura que nenhum *médium*, ainda o mais famoso póde garantir tal ou qual fenômeno, para tal ou qual lugar e hora, em tais ou quais circunstâncias.

Se, entre nós, encarnados, ha coisas, dependendo apenas de nossas fôrças e vontade, de nossa inteligência e ação, as quais, entretanto, não podemos garantir...

Sob o ponto de vista religioso-evangélico, também ao Cristo se pediu uma prova, um prodígio. E Jesus, nem por ser o Cristo, atendeu ao apêlo. Que respondeu Ele? Vale a pena ver-Lhe a resposta em Mateus XII — 38 e 39.

Promete s. s. que fará sua profissão de fé espírita, se lograr tal prodígio. Promete pouco, muito pouco, valha a verdade, além da fé deixar de sêr, diante da prova, simplesmente fé, para ser alguma coisa mais séria, mais profunda. Nem os espíritas crêm por crerem, «porque nesta religião nasceram, nesta hão de morrer». Cremos porque sabemos, que a fé do espírita «olha face a face a razão em todas as épocas da humanidade».

Disse eu que s. s. promete pouco em troca do muito que espera receber, porque o Espiritismo não vive do nome e da proteção social de seus profitentes, nem, tampouco, de suas glórias e prestígio pessoais. Sôbre sua implantação definitiva, mais hoje mais amanhã, diz seu Codificador, repetindo as vozes dos Espíritos de luz, que «o Espiritismo dominará com os homens, sem os homens e a pesar dos homens».

Se o admirável e querido Malba Tahan desejasse, mesmo, conhecer um pouco das verdades que se contem no Espiritismo, eu lhe sugeria um meio mais fácil, menos barulhento e mais suave. Em virtude de sua atitude e de suas dúvidas partirem das comunicações recebidas pelo médium Francisco Candido Xavier, eu lhe sugeria um passeio a Belo Horizonte. Aliás, ótima nesta época! Treze horas, apenas, de trem rapido! Hora e meia de avião! Da capital mineira, corria a Pedro Leopoldo,

residência do *médium* famoso, tão grande e simples quão discutido, e negado ingloriamente. Seria fraternal e honrosamente recebido por êle, posso garantir-lhe, fiado no que se passou comigo nas duas vezes que o visitei. Sentar-se-ia ao seu lado, na salinha tão humilde quanto o médium, em que êle recebe suas *mistificações*. la escrever comunicações... E veria como êle as recebe, podendo, assim, julgá-lo melhor. E' possível que algumas de suas comunicações, ou *mistificações* interessassem mais de perto o ilustre visitante. Que até ouvisse — quem sabe? — êsse imperativo: *póde propôr seu problema*. Tudo é possível com a graça de Deus. E Jesus ensinou: *procurai* e *achareis*. Procure, assim, o grande escritor patrício, que talvez volte de lá com as idéias mudadas. E sem pensar, nunca mais, em réptos tão ingênuos e descabidos! E sem, nunca mais! se animar — exatamente por desconhecer o espírito de renúncia e desprendimento dos verdadeiros espíritas — a ajustar à luminosissima legenda de A. Comte, *Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos*, isto, que nada tem do espírito admirável de Malba Tahan, nosso maior escritor moralista: *E as vezes, explorados...*»

## 1.º Congresso Espírita Mineiro

Em Belo-Horizonte, realizou-se, de 16 a 24 de junho, na séde da «União Espírita Mineira», o primeiro Congresso Espírita Mineiro, com o objetivo de aproximar, para fortalecê-los, os centros espíritas, de molde a pô-los a salvo, no Estado, de perseguições policiais, e para promover a unificação de metodos de trabalho.

Cento e treze municípios do interior nele se fizeram representar por meio de cem congressistas de todas as esferas sociais: juristas, jornalistas, escritores, comerciantes e comerciários, bancários, professores, agricultores. E gente de todas as idades e dos dois sexos. Senhoras, cavalheiros, jovens, anciãos. De tal modo se projetou o C. E. M. que do Rio e de outros Estados recebeu êle adesões. O prof. Leopoldo Machado e senhora nêle tomaram parte.

Dezenove teses foram apresentadas, inclusive duas já impressas, de Ismael Gomes Braga e do sr. Arlindo Corrêa.

Das mais volumosas, as primeiras lidas, foram a do prof. Leopoldo Machado, — *Das Responsabilidades Maiores dos Espíritas do Brasil* — que é um estudo substancioso feito através da História, do Evangelho e da Doutrina, para a conclusão a tirar, conferindo aos espiritistas das Terras do Cruzeiro maiores responsabilidades. Assunto de tal importância e tão impressionante, que por proposta do congressista Domingos Moutinho, os centros espíritas belohorizontinos vão publicá-la, independente dos

*Grupo de Congressistas*

Anais do C. E. M. e numa tiragem de 5.000 exemplares, para distribuição gratuita nos meios espíritas. A outra tese, do dr. Noraldino de Melo Castro, sôbre a unidade social e doutrinária, julgada e aprovada imediatamente, propiciou ambiente para a creação da *Federação Espírita de Minas Gerais*. Fundada, assim, a F. E. M. G., nomeou-se a comissão composta de sete membros para a elaboração dos Estatutos. Comissão que, áquela mesma noite, elaborou, madrugada a dentro, o projeto de Estatuto, que foi discutido e aprovada no dia seguinte, numa reunião que, como a do dia seguinte, da posse, marcarão época na história do Espiritismo em Minas Gerais. E vale assinalar que cabe, na elaboração do Estatuto da F. E. M. G., lugar de subido destaque

à ala juizdeforense. E na sua discussão, o papel de mais saliência foi incontestavelmente a da representação de Juiz de Fóra, que conferiu ao C. E. M. um *lider* moço e inteligente, o irmão Isaltino da Silveira Filho e do prof. Leopoldo Machado, representante de *Vanguarda*, do *C. E. Lar de Jesus*, da *Liga Espírita do Brasil* e de outras entidades sociais. No dia seguinte, 21, a posse com solenidade da Diretoria e do Conselho. Uma festa deslumbrante, que a todos encantou. A Diretoria foi empossada pela senhorinha Maria Filomena Aluoto, em nome da mulher espírita mineira e pelo prof. Leopoldo Machado, como presidente de honra do C. E. M., sócio honorário recem-aclamado da F. E. M. G. e representante da Liga Espírita do Brasil. E no ato da posse, todas as vozes se fizeram ouvir em nome da Diretoria e do Conselho da F. E. M. G. e do C. E. M. de que ela acaba de sair. Rodrigo Agnelo Antunes, Dr. Cesar Burnier, Prof. Cicero Pereira, Dr. Noraldino de Melo Castro, Rubens Romaneli, Isaltino da Silveira Filho, d. Marilia de Almeida Barbosa e prof. Leopoldo Machado. Dr. Arminio Rego de Carvalho falou em nome do centro mais antigo do Estado de Minas: o «União, Humildade e Caridade» de Juiz de Fóra. E o prof. Leopoldo Machado em nome da Imprensa (Vanguarda, Revista Espírita do Brasil, O Clarim e Revista Internacional de Espiritismo) e dos centros de fóra do Estado representados no admirável certamem.

A prece final, depois de numeros de violino e de declamação de poesias da parte de crianças vivas e insinuantes, foi proferida por d. Maria Ziviani, para que, a solenidade que começou por voz feminina, terminasse por voz de mulher.

A festa encantou magnificamente a todos. Principalmente pela atuação verdadeiramente impressionante do jovem e ardoroso *lider* no C. E. M., de Juiz de Fóra, Isaltino da Silveira Filho, que deixou o microfone chorando, pela voz autorizada de D. Marilia de Almeida Barbosa, que arrancou lá grimas à assistência e pela peça do prof. Leopoldo Machado, que terminou, depois de uma análise sucinta e profunda do ato que se acabava de registrar na gloriosa Minas Gerais espírita, declamando o soneto abaixo.

### UM SÓ REBANHO...

(Aos meus irmãos do 1.º Congresso Esp. Mineiro)

*Meus bons amigos, meus irmãos mineiros,*
*Êsses dias de paz, de ação, de luz*
*Vieram provar que somos verdadeiros*
*E novos seguidores de Jesus!*

*O labor dêsses dias bem traduz*
*O ardor de SEUS discípulos primeiros!...*
*Que êsses dias de paz, de ação, de luz*
*Nos sejam, para sempre, lisongeiros...*

*Unamos, através de ação, de preces,*
*Nossas forças, desejos, interêsses,*
*A pról do Espiritismo salvador!...*

*Um esfôrço maior pela unidade!*
*Que sejamos, em breve, na verdade,*
*«Um só rebanho para um só Pastor!»*

Leopoldo Machado.

21/Junho/1944 — Belo Horizonte.

— «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» foram representados no Congresso pelo nosso companheiro de redação, Leopoldo Machado, a quem apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

## O Espiritismo Perante a Justiça

**Ingressou em Juizo a família de Humberto de Campos, com uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Francisco C. Xavier**

—

**Pretendida a prova judicial da mediunidade**

—

*«MUNDO ESPÍRITA», num esfôrço de reportagem, obtem uma cópia da sensacional petição de autoria do ilustre e provecto advogado Dr. Milton Barbosa*

O Espiritismo, na sua ação intensa, irreprimivel e progressista, vai suportar a prova máxima imposta pela justiça dos homens, num pleito judiciário que vai interessar todo o nosso mundo jurídico, provocando interessantes polêmicas, dis-

cussões científicas, e, talvez mesmo, proveitosa agitação no nosso ambiente social.

E' que, de certo tempo para cá, se dizia que a família do grande escritor Humberto de Campos ia ingressar em Juizo para pleitear os direitos autorais a que se julgava com direito sôbre todas as obras que o Espírito de Humberto de Campos ditou ao médium Francisco Candido Xavier e publicadas pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.

A notícia agitou o meio espírita e trouxe a público várias opiniões interessantes de juristas de nomeada sôbre a possibilidade ou não de tomar a justiça conhecimento do caso.

A questão é, como se vê, importante, complexa e, sobretudo de uma alta finalidade para a doutrina. E o é, porque, por qualquer ângulo que se encare, por qualquer aspecto que se a observe, o que a justiça terá que decidir é, em última análise, se existe ou não aquilo que se chama MEDIUNIDADE.

Reconhecida esta pela Justiça, a manifestação dos Espíritos não mais pode ser negada nem a prática do Espiritismo proíbida.

Aguardemos pois, o pronunciamento da Justiça, na Ação Declaratória que d. Catharina Vergolino de Campos, viuva do escritor Humberto de Campos, fez distribuir ontem, 30 de junho, por intermédio de seu ilustre e culto advogado, o dr. Milton Barbosa, cuja petição inicial reproduzimos na íntegra.

Como se vê do item 6.º do articulado jurídico, todo êle vasado com grande elevação e sem nada que possa ofender o sentimento religioso dos espíritas, pretende a autora da ação que a Justiça, por sentença, declare si a obra literária psicografada por Francisco Xavier é ou não do Espírito de Humberto de Campos.

O mais interessante, a nosso ver e, quiçá, o ponto mais empolgante da questão, está na prova pela qual protestou, na forma da Lei, a Requerente!

Pretende ela que o M. M. Dr. Juiz a quem fôr distribuida a ação lhe conceda a realização de uma demonstração mediúnica por intermédio do Chico Xavier e assistência da Federação Espírita Brasileira, afim de se constatar a sobrevivência e a operosidade do Espírito de Humberto de Campos.

Tendo sido entregue também a petição para ser distribuida, só hoje, possivelmente, se saberá qual o Dr. Juiz que irá resolver essa sensacional questão.

Que estará pensando de tudo isto o Espírito de Humberto de Campos? Quem sabe se êle não vai ser o grande defensor do seu médium preferido?

Que espantosas surprêsas não poderão surgir em meio da discussão, mormente se o M. M. Dr. Juiz entender de deferir a prova da demonstração mediúnica!

Aguardemos, confiantes. A hora é de afirmações e de testemunhos!

Eis, na íntegra, a petição da Ação Declaratória subscrita pelo provecto advogado Dr. Milton Barbosa:

## A PETIÇÃO INICIAL

«Exmo. sr. dr. juiz de Direito da... Vara Civel.

CATHARINA VERGOLINO DE CAMPOS, proprietária, residente em Niterói, à rua Mariz e Barros n.º 9, na qualidade de viuva do escritor Humberto de Campos, vem expôr e requerer a v. excia. o seguinte:

1) — a Suplicante, em condomínio com seus filhos Lourdes, Henrique e Humberto, é titular dos direitos autorais oriundos da vasta e brilhante obra literária produzida por seu falecido marido, acima citado (doc. 1).

2)—posteriormente à morte do grande escritor, começaram a surgir como é público e notório, inúmeras produções literárias, atribuidas ao «espírito» de Humberto de Campos e, segundo versão e técnica espíritas, «psicografadas» pelo «médium» mineiro, Francisco Candido Xavier (brasileiro, solteiro, residente em Pedro Leopoldo, no Estado de Minas), as quais, reunidas em volumes, vêm sendo editadas pela «Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira» na coleção intitulada «Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e Ciências Psíquicas» (docs. 2, 3, 4, 5 e 6).

3) Com essa procedência, nada menos de cinco volumes, contendo algumas dezenas de produções cada um, já foram editados, sob os titulos e pelos preços abaixo mencionados:

«Novas Mensagens» (em 2.a edição) —Broch.—Cr.$ 4,00. Encad.—Cr.$ 7,00.

«Boa Nova» (em 2.a edição) —Broch. —Cr.$ 6,00. Encad.—Cr.$ 9,00.

«Reportagens de Além Tumulo» (1.a ed.) — Broch. — Cr.$ 8,00. Encad.—Cr.$ 12,00.

«Brasil Coração do mundo e Pátria do Evangelho» (em 3.a edição)—Broch.— Cr.$ 7,00. Encad. — Cr.$ 10,00.

«Crônicas de Além Tumulo» (em 3.a ed.) Broch.— Cr.$ 5,00. Encad.—Cr.$8,00, notando-se que este último livro está sendo traduzido para o castelhano e em breve será lançado no mercado argentino.

Contém, esses volumes, na capa, acima do titulo e logo abaixo do timbre da coleção («Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e Ciências Psíquicas»), o nome do «médium» «psicógrafo», e após o titulo da obra, e entre parenteses, a expressão «do espírito de Humberto de Campos» (docs. 2, 3, 4, 5 e 6). Na primeira página, logo após a capa, lê-se apenas o titulo da obra e em seguida a expressão «do espírito de Humberto de Campos» (docs. 2.a, 3.a, 4.a, 5.a, e 6.a). No verso dessa página encontra-se uma relação de obras «psicografadas» pelo «médim» Francisco Candido Xavier, todas compreendidas na seguinte designação: «Produções do médium Francisco Candido Xavier» ou «Produções mediúnicas de Francisco Candido Xavier» mas com o aditamento, entre parenteses: «Ditada pelo Espírito de Humberto de Campos» ou de «outro desencarnado» (vide o verso dos docs. 2.a, 3.a, 4.a, 5.a e 6.a). Na página seguinte repete-se o nome da obra, seguido da expressão: «Ditada pelo Espírito de Humberto de Campos», aparecendo sempre com grande destaque o prestigioso nome do privilegiado escritor.

4)—Essas obras vêm sendo vendidas livremente, aos preços já referidos, sem «controle» de quem quer que seja—e inteiramente á revelia da Suplicante e de seus filhos, condominos dos direitos autorais da obra literária de Humberto de Campos — com grande êxito de livraria, dado o facto de ser atribuida a quem, como Humberto de Campos, sempre desfrutou, como escritor, de grande popularidade entre o público brasileiro de todos os níveis intelectuais.

5)—A Suplicante e seus filhos, diante da celéuma provocada pelo aparecimento dessa vasta e ininterrupta produção literária, têm mantido, até agora, discreta atitude—de pura espectativa—aguardando que críticos literários ou cientistas proferissem a última palavra a respeito do fenômeno. A polêmica que se vem travando em torno do assunto promete, entretanto, não ter fim. E vem se avolumando — dado o silêncio sistemático da Suplicante e de seus filhos — a corrente dos que supõem que a família de Humberto de Campos, não só vem auferindo vantagens financeiras com a publicação dessas obras, como — por interêsse de publicidade em torno do nome do glorioso escritor falecido—procura provocar e alimentar as discussões que se vêm travando pela imprensa, o que lhe cria verdadeiro constrangimento diante dos editores da obra produzida durante a vida do seu marido — W. M. Jackson Inc. Editores— com os quais tem contrato firmado e não extinto, sendo compreensível que tais editores se julguem prejudicados com a publicação das obras ditas «psicografadas», prejuizo que, aliás, atinge a própria Suplicante e seus filhos.

6)—Sem querer entrar no exame do mérito literário dessas produções — obtidas, segundo versão espírita, por métodos «mediúnicos»—deseja a Suplicante que v. excia., submetendo a hipótese — para sua elucidação — a todas as provas científicas possíveis, se digne de declarar, por sentença *si essa obra literária É OU NÃO DO «ESPÍRITO» DE HUMBERTO DE CAMPOS.*

No caso negativo, si—além da apreensão dos exemplares em circulação—estão os responsáveis pela sua publicação:

a) — passíveis de sanção penal prevista em os arts. 185 e 196, do respectivo Código.
b) — proíbidos de usar o nome de Humberto de Campos, em qualquer publicação literária.
c) — sujeitos ao pagamento de perdas e danos, nos termos da Lei Civil.

No caso afirmativo, isto é, si puder ficar provado que a produção literária em apreço é do «espírito de Humberto de Campos», deverá v. excia., *data vênia*, declarar:

a) — si os direitos autorais pertencerão exclusivamente à Família de Humberto de Campos ou ao Mundo Espírita, representado, entre nós, pela Federação Espírita Brasileira; devendo, outrossim, ficarem definidos não só o caráter da inter-

venção do «médium», como os limites — sob o ponto de vista literário e econômico — da sua participação.

b) — si, reconhecidos os direitos da Família de Humberto de Campos, poderão os titulares dêsses direitos dispôr livremente dessa bagagem literária, sem quaisquer restrições, como dispõe da obra produzida ao tempo do desaparecimento do escritor.

c) — si a Federação Espírita Brasileira e a Livraria Editora da mesma Federação estão passíveis das sanções previstas na Lei, pela publicação das obras referidas nos itens 2 e 3, sem a prévia permissão da família do escritor.

Para êsse fim, requer a Suplicante a v. excia. se digne mandar citar a «Federação Espírita Brasileira» e a «Livraria Editora» da referida Federação, com séde ambas à Avenida Passos, n.º 30, nesta Capital (na pessoa de seus representantes legais), bem como, mediante precatória, o «médium» Francisco Candido Xavier, residente no local acima referido, para virem responder aos termos da presente ação declaratória, permitida pelo § único do art. 2.º do Cód. Processo Civil.

A Suplicante não desconhece as dificuldades de ordem legal com que terá v. excia. que se haver, para decidir o presente pleito, dado o silêncio da Lei vigente, em relação ás hipóteses que os fenômenos «mediúnicos» — si reais e positivamente evidenciados puderem ser — farão surgir ao espírito do Magistrado, obrigando-o a estabelecer normas de caráter excepcional como «se fôsse legislador», tendo em vista os direitos tradicionais da família do escritor em face dos novos e estranhos acontecimentos, pelos quais a Ciência Oficial tem, até agora, demonstrado indiferença.

Pouco importará, entretanto, o silêncio da Lei, si tais fenômenos puderem ser positivamente verificados, o que *data vênia*, obrigará o Magistrado a deles conhecer e a lhes dar solução que concilie os interêsses de vária ordem que se defrontam, harmonizando os princípios do direito natural com a nova doutrina, de caráter sobrenatural por enquanto pelo menos. Protesta-se pela realização de demonstrações mediúnicas a serem produzizidas — com a imprescindível colaboração dos Suplicados — para verificação da sobrevivência e operosidade do «espírito» de Humberto de Campos, bem como por exames gráficos, estilísticos e de escrita, e ainda por precatórias, depoimento pessoal dos Suplicados e prova testemunhal.

Para os efeitos da taxa, dá-se a causa o valor de Cr. $ 10.000,00.

P. deferimento.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1944.

(ass.) MILTON BARBOSA».

*De «Mundo Espírita», de 1.º de Julho de 1944.*

## A Nossa Excursão

Do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta, recebemos o seguinte comunicado:

Estive em Reserva. E' uma localidade situada vinte léguas longe de Ponta Grossa, Paraná. A condução é feita por ônibus, duas vezes por semana, possuindo umas 70 casas. Faz ano e meio que lá estive pela primeira vez, e desta vez angariei 31 assinaturas para a Revista e 10 para «O Clarim». Tem um Centro Espírita instalado em prédio próprio, o qual fica sempre repleto de assistentes. O Espiritismo nessa localidade alcançou um surto progressista muito notável, o que é bem demonstrado pelo número de assinaturas em relação ao número de casas. A' distância de uma légua existem mais dois Centros. E' um dos lugares onde mais são lidos os jornais espíritas e mais estudado o Espiritismo.

Nesta localidade havia uma casa paroquial em construção que terminou sendo demolida, e em seu lugar ergueram um Posto de Assistência Médica e de Higiêne. O Padre não gosta de ir à Reserva, porque não ganha nem para a viagem, que custa 60 cruzeiros, ida e volta, pois ninguém quer batizar e casar-se na igreja; e só para fazer missa, não vale a pena! Os comerciantes e mais pessoas de destaque do lugar, são

quasi todos espíritas, tendo concorrido muito para êste êxito a conduta reta dos espíritas locais.

— Visitei Morretes, onde existe uma organização espírita muito digna de nota. E' uma das cidades mais antigas do Paraná e berço de muitos brasileiros ilustres. Conta com uma população de 4.000 pessoas, com 250 casas aproximadamente e uma sociedade espírita com 320 sócios, variando as mensalidades de 1 a 5 cruzeiros. Esta sociedade possúe uma farmácia homeopática com mais de 1.000 medicamentos diferentes, aviando mais de 1.500 receitas mensalmente, além de injeções e curativos feitos na sociedade por um abnegado médico. Tem uma biblioteca mixta com mais de 600 obras e o seu movimento mensal é de 40 a 50 pessoas, na sua maior parte católicas. São os católicos que mais ajudam, com donativos, a assistência social. Dizem eles: «Damos para os espíritas porque sabemos que o que lhes damos é integralmente distribuido aos pobres em roupas, gêneros alimentícios, medicamentos e assistência funerária. Esta sociedade possúe um carro fúnebre a serviço dos sócios, e para ajudar o pagamento das despezas de funeral, de cada sócio que desencarna, a sociedade contribue com 100 cruzeiros. Quando um sócio, por motivos justos, não pode pagar a sua mensalidade, fica remido, com todos os direitos de assistência. Dá asilo a 6 velhos em alojamentos muito asseiados, cercando-os de todo o confôrto. O prédio é próprio, valendo mais de 30,000 cruzeiros. A sociedade realiza duas sessões comemorativas anuais — Natal e nascimento de Kardec, bem como duas sessões semanalmente, uma para desenvolvimento da mediunidade e outra para estudos do Espiritismo à luz do Evangelho. A sociedade goza de muito conceito, atenção e respeito até do próprio padre local, que é amigo dos espíritas, chegando a afirmar que os espíritas estão fazendo muito mais do que êle. E porque isto? Porque os dirigentes da sociedade são portadores de ótima conduta, exemplificam e prègam os ensinos de Jesus, dando de comer aos famintos, vestindo os nus, perdoando ofensores e amando o seu próximo como a si mesmos. Enfim, os espíritas de Morretes não dão lugar ao comodismo e ao indiferentismo. Que possam ser imitados, é o que a doutrina espírita espera de cada um de seus profitentes.

## Centro Esp. «João Candido»

A Caixa Beneficiente do Asilo-Colonia «Santo Angelo», cuja finalidade é defender os interêsses materiais e espirituais dos internados, dando desempenho a tão elevada missão, resolveu dar o seu apoio ás justas aspirações do Centro Espírita «João Candido» aí sediado.

Para tal fim está patrocinando uma campanha para obtenção de fundos destinados a dotar referido Centro de um local apropriado, em vista do crescente número de profitentes do Espiritismo nêsse Asilo, que vem se reunindo na sala de uma casa residencial, que tornou-se demasiadamente insuficiente para os agasalhar.

Tratando se de uma iniciativa benemérita, que visa dar aos internados coragem e confôrto para vencerem a provação a que estão sujeitos, a Caixa apela para os espíritos bem formados no sentido de que lhe sejam enviados donativos, quer em dinheiro, quer em espécies, afim de concretizar os justos anseios dos membros do Centro.

Qualquer pedido de informações, dinheiro, cheques, vales postais, etc., poderão ser endereçados, à Caixa Beneficente do Asilo-Colonia «Santo Angelo», E. F. C. B., Estado de São Paulo, tel. 34, com a seguinte menção — «Destinado ao Centro Espírita «João Candido», isto porque a Caixa tem outros planos e assistência em execução.

Não nos esqueçamos, portanto, dêsse justo apelo, dando a êsses nossos irmãos todo o nosso apoio de que necessitam, cooperando assim para difusão da doutrina e do Evangelho.

# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor. José da Costa Filho* — *Redator: Watson Campêlo*

## Redação e Administração
## MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| — BRASIL | — Ano — Assinatura simples | Cr.$20,00 |
| — BRASIL | — Ano — Assinatura registrada | 25,00 |
| ESTRANGEIRO | — Ano — Assinatura simples | 30,00 |
| ESTRANGEIRO | — Ano — Assinatura registrada | 45,00 |

**NUMERO AVULSO CR. $2,00**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

**Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro**